

SABUCALE

A origem do nome do rio Côa, a propósito do estudo da toponímia da antiga atividade mineira

Marcos Osório (*) e Paulo Marcos (**)

1. Introdução

É bem conhecida a potencialidade mineira da bacia superior do rio Côa e da serra da Malcata, onde este rio nasce, fruto das suas características geológicas, em especial pela presença de abundantes filões quartzíticos com pirites auro-argentíferas nos xistos e pegmatitos estaníferos nos granitos porfíroides (Thadeu, 1965: 21, 23 e 27). A importância económica que essa atividade deteve nos séculos passados, com a extração generalizada de vários tipos de minérios metálicos, trouxe alguma prosperidade ao concelho do Sabugal. E embora essa atividade não tivesse proporcionado grandes riquezas locais, mas somente para as empresas portuguesas do litoral ou de capital estrangeiro, permitiu que muita gente obtivesse sustento em época de miséria generalizada no interior do país (ver Nunes, 2001-2002: 422 e 443). O contrabando dos dois lados da fronteira não foi indiferente a este período de elevada laboração mineira, tendo o minério sido um dos produtos que mais atravessou a fronteira (Tadeu, 2011: 84).

Para além dos relatos frequentes da população local (Lemos e Rei, 2000: 187) e das evidências arqueológicas que se observam no terreno (Sánchez-Palencia e Pérez García, 2005), as licenças registadas no arquivo da Câmara Municipal do Sabugal constituem a maior prova da intensidade dos trabalhos mineiros promovidos nesta região do Alto Côa.

A consulta desta documentação decorreu no âmbito do *Levantamento das estruturas mineiras do Concelho do Sabugal*, projeto ainda em desenvolvimento. Numa primeira fase foram analisados os assentos de 1872 a 1906 e iniciado o registo dos dados referentes particularmente à sua localização, tendo o trabalho sido reestruturado, completado e publicado mais tarde por Sara Pereira (2016).

A presente compilação tornou premente a necessidade de georreferenciar estes locais ancestrais e evidenciou a riqueza

onomástica dos topónimos recolhidos nessas licenças que, à primeira vista, passavam despercebidos e corriam o perigo de se perder irreversivelmente da memória coletiva.

Por agora, iremos debruçar-nos fundamentalmente sobre a abundante toponímia relacionada com a mineração, perpetuada nos nomes das linhas de água, das formações orográficas, das quintas e lugarejos associados a estas explorações, intentando proceder à interpretação do seu significado e a uma análise espacial da sua distribuição. Como alguém disse, «a toponímia é a verdadeira epigrafia do solo» (Chevallier, 1976: 506) e ela relata-nos muito daquilo que se passou no território estudado, se a soubermos ler convenientemente.

No decurso desta reflexão mineiro-toponímica, os nomes das atuais povoações, dos cursos de água e do próprio rio Côa mostraram-se potencialmente derivados desta atividade. A análise da origem e formação etimológica desta onomástica geográfica permitiu avançar com novas propostas interpretativas que irão, naturalmente, requerer futura reavaliação com outros dados que se venham a obter. Com este contributo julgamos ter facultado um instrumento auxiliar para a deteção de testemunhos desta índole em qualquer região portuguesa similar.

A compreensão do significado desta nomenclatura popular não só nos possibilita detetar as zonas de maior labor na antiguidade, como leva-nos a conhecer mais detalhadamente essa primitiva atividade, que foi provavelmente a maior fonte de rendimento que esta terra proporcionou, desde períodos pré-romanos à Época Contemporânea. Sabendo que a mineração antiga da bacia do Côa, na vertente norte da serra da Malcata, se encontra menos estudada (ao contrário da sua encosta meridional: Allan 1965: 17-19; Domergue, 1990; Sánchez-Palencia e Pérez García, 2005), a caracterização dos indícios dessa exploração constituía um desafio ambicioso que procurámos alcançar.

2. Metodologia de trabalho

Para conhecer a abundante toponímia de carácter mineiro da região em torno do Alto Côa foi necessário desenvolver diversas ações, entre as quais se destaca a consulta dos principais cadastros nacionais de ocorrências bem como as licenças dos arquivos municipais, com o consequente registo em base de dados dos locais de mineração e da sua denominação popular. Estas ações requereram a fundamental contextualização bibliográfica sobre os processos de produção e a descrição das estruturas arqueológicas com ela relacionadas, bem como a recolha de paralelos toponímicos nas principais zonas mineiras portuguesas e espanholas.

Não descurámos a componente cartográfica, realizada por meio de ferramentas SIG, como auxiliar na georreferenciação dos testemunhos mineiros e onomásticos, na contextualização geográfica e na análise da distribuição espacial das minas (Figs. 3, 5 e 7). Todas

estas ações requereram a observação de ortofotos das décadas de 40 e 50, a visita às áreas exploradas e a recolha de informação oral.

Passaremos agora a descrever o amplo trabalho desenvolvido, em distintas etapas metodológicas, para chegarmos a estes resultados.

2.1. O inventário dos testemunhos de exploração mineira na região

O extenso levantamento e registo em base de dados de todos os testemunhos materiais e documentais das explorações mineiras existentes na bacia do Alto Côa foi feito com o respetivo mapeamento georreferenciado (Fig. 3).

A principal fonte documental para a região estudada foram os registos de licenciamento de minas do arquivo histórico do município do Sabugal e a posterior tarefa de identificação dos locais no terreno. Para esse efeito, consultaram-se os 31 livros existentes no arquivo camarário, datados de 1872 a 1985 (Pereira, 2016: 135-136), onde para além de ser mencionado o topónimo, o autor da descoberta e o mineral explorado, é dada a sua localização através de referências naturais ou edificadas, por vezes vagas, ou por intermédio de sistemas de coordenadas já obsoletos (embora contribuindo para a localização de parte dos registos).

Da leitura destes assentos camarários constata-se a grande variedade de minério explorado neste concelho durante cerca de um século, especialmente estanho, urânio e volfrâmio, mas também berilo, titânio, arsénico e, em menor proporção, ouro, prata, cobre, ferro e chumbo (*Idem*: 138).

Este repositório foi fundamental para obter o cadastro toponímico¹ dos 650 pontos onde decorreram, ou não, trabalhos, sendo muitos deles extremamente apelativos da memória mineira do local. No Quadro 1 listámos os conjuntos de topónimos análogos retirados das licenças consultadas, quantificando as situações em que se repetem (nas suas diversas variantes) e enunciando as freguesias onde estão presentes. Destacámos, a negro, aqueles que revelam uma relação direta com a atividade mineira e a cinzento os campos com maior quantidade assinalada.

Famílias de topónimos	Quant.	Freguesias
Alagoas, Lagoa, Lagoinha	6	Aldeia de St.º António, Pousafoles do Bispo e Santo Estêvão
Alto	4	Lomba, Pousafoles do Bispo e Santo Estêvão
Barreiros	5	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Casteleiro e Vilar Maior
Barroca, Barrocal	20	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Aldeia Velha, Baraçal, Casteleiro, Cerdeira, Moita, Penalobo, Pousafoles do Bispo, Sortelha, Vale das Éguas e Vila do Touro.
Batocas, Batoquinhas	3	Aldeia da Ponte, Aldeia da Ribeira

Cabeça, Cabecinha	40	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Aldeia Velha, Alfaiates, Bendada, Casteleiro, Cerdeira, Fóios, Moita, Nave, Penalobo, Rapoula do Côa, Ruivós, Ruvina, Santo Estêvão, Seixo do Côa, Sortelha, Vale de Espinho e Vila do Touro
Caldeirinhas, Caldeirões	4	Rapoula do Côa, Santo Estêvão e Sortelha
Carvalho, Carvalheira	5	Bendada, Pousafoles do Bispo, Soito e Sortelha
Chã, Chão	12	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Bendada, Casteleiro, Cerdeira e Pousafoles do Bispo
Coito	3	Aldeia de St.º António e Bendada
Corte	5	Bendada, Fóios, Quintas de S. Bartolomeu e Vilar Maior
Cova, Covões	7	Casteleiro, Pousafoles do Bispo, Sortelha e Vale de Espinho
Ferro, Ferrarias, Ferreirinho	9	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Baraçal, Bendada, Pousafoles do Bispo, Rapoula do Côa e Sortelha
Fojo	4	Lomba, Moita e Penalobo
Fonte, Fontainhas	25	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Aldeia da Ribeira, Aldeia Velha, Bendada, Bísmula, Casteleiro, Cerdeira, Fóios, Lagesa da Raia, Pousafoles do Bispo, Sortelha, Valongo do Côa, Vila Boa, Vila de Touro e Vilar Maior
Ladeira	5	Fóios, Malcata, Penalobo, Santo Estêvão e Sortelha
Laje/Lage	4	Aldeia da Ponte, Aldeia de St.º António, Casteleiro e Cerdeira
Lameiro, Lameiras, Lameirão, Lameirinhas	18	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Bendada, Casteleiro, Fóios, Lomba, Penalobo, Pousafoles do Bispo e Quintas de S. Bartolomeu
Lomba	16	Águas Belas, Aldeia do Ponte, Aldeia da Ribeira, Bendada, Casteleiro, Lomba, Santo Estêvão, Vale de Espinho e Vila do Touro
Malha, Malhada, Malhadinha	13	Aldeia da Ribeira, Aldeia Velha, Bendada, Casteleiro, Fóios, Malcata, Moita, Nave, Penalobo, Quintas de S. Bartolomeu, Sortelha e Vilar Maior
Moinho	11	Aldeia de St.º António, Bendada, Lomba, Malcata, Pousafoles do Bispo, Rendo, Vale das Éguas e Vila do Touro

Nave, Navezinhas	9	Águas Belas, Aldeia da Ribeira, Aldeia de St.º António, Casteleiro, Rapoula do Côa, Rendo e Sortelha
Pedra, Pedreiros	4	Bendada, Casteleiro, Fóios e Sortelha
Picoto	3	Casteleiro, Moita e Seixo do Côa
Poço	3	Malcata, Sabugal e Seixo do Côa
Ponte, Pontão	13	Aldeia de St.º António, Bendada, Casteleiro, Fóios, Malcata, Quintas de São Bartolomeu, Rapoula do Côa e Vila do Touro
Porto, Portela, Portelinha	7	Águas Belas, Fóios, Pousafoles do Bispo, Rapoula do Côa, Sortelha e Vila do Touro
Prado, Pradinho	10	Aldeia da Ponte, Bendada, Bismula, Casteleiro, Santo Estêvão, Valongo do Côa e Vilar Maior
Presas, Presinhas	4	Casteleiro, Vale das Éguas e Vila do Touro
Quinta, Quintinhos	32	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Bendada, Casteleiro, Fóios, Penalobo, Rendo, Ruivós, Sabugal, Sortelha, Valongo do Côa e Vilar Maior
Rasa, Rasinhas	3	Alfaiates, Baraçal e Cerdeira
Regato	4	Águas Belas, Aldeia da Ribeira, Fóios e Vilar Maior
Relva	4	Casteleiro, Fóios, Pousafoles do Bispo e Sortelha
Ribeiro, Ribeira	53	Águas Belas, Aldeia da Ribeira, Aldeia de St.º António, Aldeia Velha, Baraçal, Bendada, Bismula, Casteleiro, Fóios, Lomba, Malcata, Moita, Pousafoles do Bispo, Sabugal, Santo Estêvão, Sortelha, Vila Boa, Vila do Touro
Seixo, Seixinho, Seixal	11	Bendada, Casteleiro, Cerdeira, Fóios, Nave, Penalobo, Rapoula do Côa, Rebolosa, Rendo e Vila do Touro
Tapada	42	Águas Belas, Aldeia da Ribeira, Aldeia de St.º António, Baraçal, Bendada, Bismula, Casteleiro, Cerdeira, Fóios, Lomba, Malcata, Nave, Penalobo, Pousafoles do Bispo, Rapoula do Côa, Sabugal, Santo Estêvão, Seixo do Côa, Sortelha, Vila do Touro e Vilar Maior
Terra	14	Águas Belas, Aldeia de St.º António, Casteleiro, Pousafoles do Bispo Quintas de São Bartolomeu, Sortelha e Vila do Touro

Vale	32	Águas Belas, Bendada, Santo Estêvão, Bismula, Casteleiro, Vilar Maior, Pousafoles do Bispo, Penalobo, Aldeia da Ribeira, Aldeia de St.º António, Lomba, Aldeia Velha, Moita
Veiga	5	Fóios, Cerdeira, Aldeia da Ribeira e Sabugal
Vinha	3	Casteleiro e Sortelha

Quadro 1. Toponímia mais frequente no registo das licenças de exploração mineira do concelho do Sabugal

Da análise desta listagem conclui-se que algumas denominações são muito frequentes e repetem-se em diferentes freguesias, com pequenas variantes, dentro da mesma família toponímica, aparecendo repetidas por mera coincidência ou localização tendencial em determinadas zonas geográficas, como é o caso de ‘cabeça’, ‘fonte’, ‘quinta’, ‘tapada’, ‘terra’, ‘ribeira’ ou ‘vale’. Contudo, outras apresentam uma relação etimológica estreita com esta atividade, como por exemplo ‘corte’, ‘cova’, ‘ferraria’, ‘fojo’, ‘poço’, ‘rasa’ ou ‘seixal’, correspondendo a um total de 85 entradas.

No que respeita à distribuição quantitativa das licenças de exploração mineira por freguesias do concelho do Sabugal² há uma grande disparidade territorial (Fig. 1). Esse registo mostra nitidamente que a parte ocidental do concelho teve maior apetência mineira do que as restantes regiões, pelo menos durante o século XX (Pereira, 2016: 140), sendo as freguesias mais representadas Bendada (72), Casteleiro (62), Sortelha (47), Aldeia de Santo António (40), Pousafoles do Bispo (38), Vila do Touro (36) e Águas Belas (33). A oriente, a freguesia dos Fóios (35) destaca-se como uma das mais importantes áreas mineiras desta região, não só pela quantidade de frentes de exploração³, mas também pela diversidade das minerações que aí ocorrem (Fig. 2).

Em complemento a este catálogo, foi também consultada a informação georreferenciada da Carta Geológica de Portugal e do Sistema de Informação de Ocorrências e Recursos Minerais Portugueses do LNEG, onde se recolheram os respetivos dados aí cadastrados. Esse registo apresentava menor número de entradas nesta região, comparativamente ao inventário municipal, mas a coincidência e sobreposição dos pontos de exploração mineira era frequente.

Paralelamente, este estudo sobre a toponímia das zonas mineiras pretendeu apoiar-se na existência de indícios concretos de trabalhos antigos nos pontos assinalados (Fig. 3). Os topónimos associados a estas estruturas ou a deteção de vestígios de mineração nas proximidades de um topónimo suspeito constituíram a base de todo a fundamentação aqui apresentada. Por isso, foram também cartografados os vários tipos de estruturas de exploração mineira

identificados: desde as represas e lagoas de armazenamento; os canais de captação e condutas de transporte de água para desmonte ou lavagem das terras; as cortas, os poços e as galerias, aos amontoados de estéréis e escombrelas.

A maioria destes testemunhos são reconhecíveis na paisagem por determinado tipo de evidência física ou através de traços arqueogeográficos e fotointerpretativos (Sánchez-Palencia e Pérez

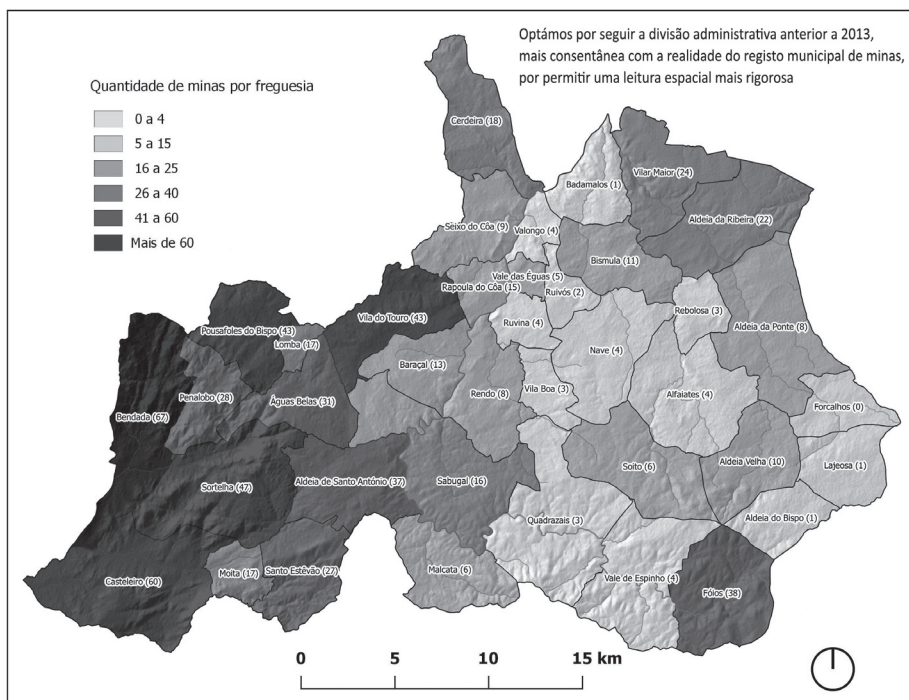


Figura 1 - Mapa da dispersão por freguesia das minas registadas nas licenças do arquivo municipal do Sabugal.

García, 2005: 270). O completo registo, desenho e cartografia dos vestígios arqueológicos que compõem as frentes de exploração mineira é um trabalho moroso, que ainda não se encontra concluído, e o estudo da funcionalidade dessas diferentes estruturas no processo de exploração será matéria para abordar em outra oportunidade.

Nesta fase importava apenas efetuar o cruzamento entre os sítios de atividade mineira e a sua toponímia, tendo sido identificadas bastantes coincidências, próximos dos 38% nas famílias de topónimos com relação direta à atividade mineira do Quadro 1. Contudo, os 650 topónimos recolhidos no arquivo camarário não estão ainda completamente localizados, por omissão nas cartas militares e listagens de microtoponímia da região ou porque os traços dessas explorações

foram apagados e se perderam da memória oral.

2.2. O cadastro toponímico do território

Era fundamental proceder, em simultâneo, ao moroso cadastro de todos os topónimos existentes nas 12 cartas militares portuguesas que abarcam a região consignada neste estudo (cartas n.ºs 203-205, 213-216, 225-227A, 236-238), confrontando as três edições publicadas nas décadas de 40, 70 e 90, pois existem diferenças na onomástica cartografada. Foram ainda consultadas 5 cartas espanholas adjacentes à linha fronteira nacional, datadas de 1983 (n.ºs 525-3, 550-1, 550-3, 572-2, 573-1).

Este atlas toponímico abarcou uma área de 65 km (no sentido

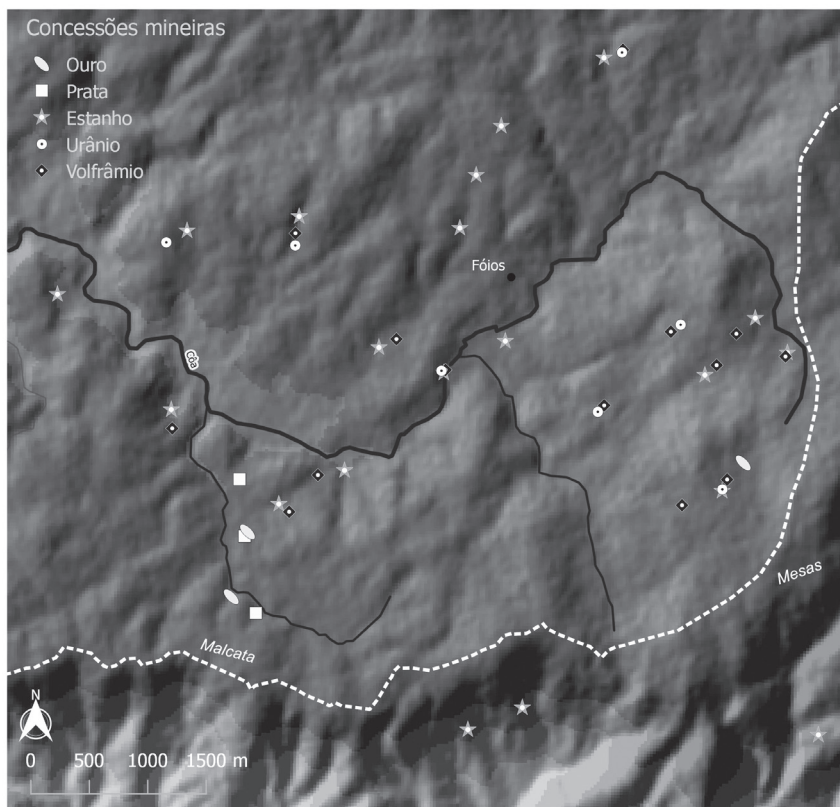


Figura 2 - Cartografia das concessões mineiras dos séculos XIX e XX assinaladas na região da nascente do rio Côa (freguesia dos Fóios, Sabugal).

leste/oeste) por 40 km (de norte a sul), que integra todo o Alto Côa e parte das bacias superiores dos rios Águeda, Bazágueda, Zêzere e Mondego. A zona definida integra a totalidade do município do Sabugal e parte dos concelhos de Almeida, Guarda, Covilhã, Belmonte, Fundão

e Penamacor, bem como ultrapassa a fronteira, a oriente, e abrange 17 pequenos municípios de Castilla y León e da Extremadura.

Deste trabalho resultaram 4640 registos, dos quais 830 encontram-se em território espanhol, correspondendo alguns a pequenas variantes dos mesmos nomes. Pelo menos 1090 topónimos registados já não existem na cartografia atual, mas apenas nos mapas mais antigos. Através do registo destes dados em *shapefile* na plataforma SIG ficámos com um *corpus* toponímico para a posteridade que poderá ser cruzado com outras camadas de informação geográfica ou patrimonial.

Recorremos ainda a uma outra importante fonte documental que é a listagem de microtoponímia predial das finanças, obtida apenas em parte das freguesias do concelho do Sabugal, tendo sido também assinalada na nossa base de dados geotoponímica com recurso a fontes orais locais e à consulta do Sistema de Identificação Parcelar (isip.ifap.min-agricultura.pt). Este recurso informático permitiu aferir localizações para alguns microtopónimos associados às parcelas de propriedade da região estudada. Contudo, a informação destas fontes ainda não se encontra completamente tratada, objetivo que pretendemos concluir no futuro.

2.3. A identificação e seleção da toponímia mineira

Seguidamente, com base no registo sistemático da onomástica geográfica, fez-se a seleção dos topónimos mais frequentes nas licenças camarárias ou que apareciam registados nas bases de dados do LNEG e do Portal do Arqueólogo (DGPC), que eram mais sugestivos do ponto de vista mineiro.

Procedeu-se também à consulta de vários trabalhos bibliográficos sobre mineração antiga na Península Ibérica, especialmente nos complexos mineiros mais conhecidos e próximos da nossa área de trabalho: Las Cavenes del Cabaco (Salamanca), Las Médulas e a Serra de Teleno (El Bierzo, León), Três Minas/Jales (Vila Pouca de Aguiar), no Vale do Tua e nos concelhos de Boticas e Montalegre, para analisar os respetivos inventários de toponímia associada aos locais de exploração (Martins, 2010; Barrios *et alii*, 2010: 229; Sánchez-Palencia *et alii*, 2017).

Existe uma extensa nomenclatura na paisagem que é diretamente resultante da extração e tratamento de minerais, a par de outra de mais difícil classificação, onde apenas o seu surgimento reiterado nas áreas de forte ocorrência do fenómeno mineiro ou por associação direta a topónimos de natureza mineira, possibilitou a sua deteção. Alguns destes topónimos têm mais do que um contexto semântico e podem dever-se a outras razões geográficas ou económicas (Grañeda Miñon *et alii*, 1994: 246), como por exemplo, os vocábulos Malhada, Calva, Queimada, Colmeal, Lomba, Poço, Chiqueiro ou Fonte da Cal, sendo

essa conotação garantida apenas quando surgem junto aos pontos de exploração mineira ou associados a indubitável toponímia desse cariz, formando aquilo que convencionámos chamar *conjuntos mineiro-toponímicos*.

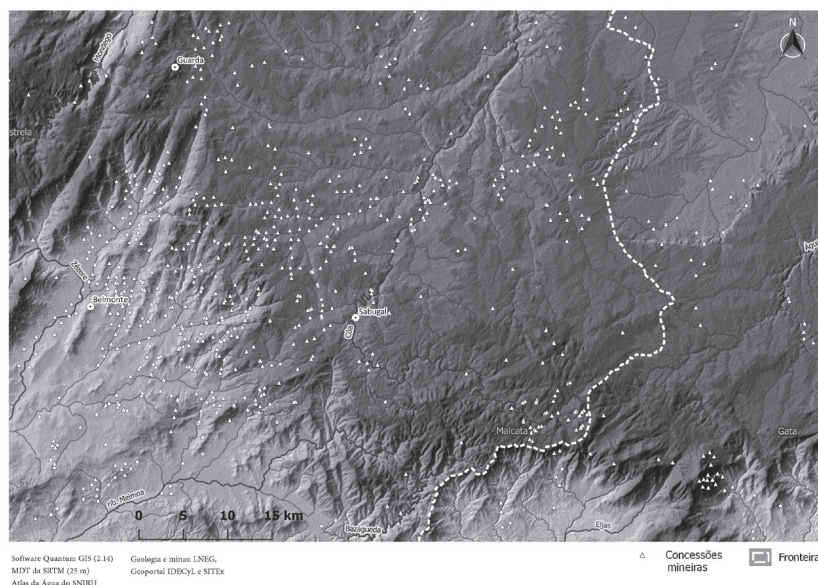


Figura 3 - Mapa da região estudada assinalando todas as concessões mineiras conhecidas em Portugal e Espanha.

Em resultado deste processo seletivo, obtivemos uma amostra de 450 topónimos indicadores desta atividade ancestral, que podem servir de referência em outros locais nos quais se desconhecia a ocorrência de mineração.

Não obstante, devem ser tidas em conta várias situações excecionais: há topónimos sugestivos nas cartas militares que não tem associação com ocorrências mineiras registadas nas bases de dados nacionais e municipais ou com estruturas mineiras no terreno. Há licenças documentadas no arquivo municipal onde possivelmente os trabalhos nunca se iniciaram ou nos quais as sondagens preliminares não revelaram potencial económico para uma exploração alargada, não tendo por isso correspondência física no terreno e na toponímia. E existem ainda locais onde são patentes vestígios de antiga atividade mineira, sem correspondência nos registos das concessões ou que não apresentam qualquer topónimo sugestivo (porque nunca o teve, porque é desconhecido ou ainda não foi identificado).

Nesta fase da nossa reflexão convém referir que os sítios mineiros registados no arquivo municipal e na cartografia LNEG são apenas o derradeiro cadastro dos locais explorados e que não podemos atribuir

datações rigorosas a estas frentes de exploração. E embora seja difícil destringir quais os casos em que essa atividade foi concretizada em épocas recuadas, estamos convictos que muitos deles devem ter sido explorados em períodos cronológicos antigos⁴.

Se analisarmos as licenças mineiras do ponto de vista histórico, a referência ao descobrimento de minério no séc. XIX ou XX num sítio com um topónimo revelador de trabalhos deste tipo, implica que o lugar teve produção muito anterior à data da licença concedida (Jordá Bordehore *et alii*, 2005: 29). Esta circunstância, bastante frequente na listagem, permite considerar que já antes do período contemporâneo se explorava minério em muitos destes sítios inventariados no município, embora não tenhamos suficiente informação histórica ou arqueológica que permita atestar uma cronologia mais recuada.

Tendo em conta os paralelos de outras regiões peninsulares citados na bibliografia especializada e os sítios classificados como ‘mina’ no Portal do Arqueólogo (CNS), e ainda através da análise etimológica e contextual do atlas toponímico descrito no capítulo anterior, foi possível apurar uma quantidade de topónimos com razoável ou elevada probabilidade de associação à atividade mineira. Esse conjunto resume-se a 44 tipos distintos que se repetem com maior regularidade, bem como outros que são bastante sugestivos semanticamente mas que ocorrem com menor frequência na documentação, conforme se observa no Quadro 2.

A justificação para apresentarmos aí os paralelos toponímicos da região espanhola de Teleno (El Bierzo, León)⁵ prende-se com o facto de ser uma zona de elevada atividade mineira, desde a Antiguidade Clássica, com uma diversidade de métodos de exploração (Matias Rodríguez, 2006: 214), bem como pela proximidade linguística do léxico asturo-leonês que terá sido usado pelas primeiras populações que repovoaram estas terras do vale do Côa nos séculos XII-XIII.

Este processo seletivo foi uma das componentes mais subjetivas deste trabalho, pois podemos ter ignorado topónimos que são considerados indicadores da atividade mineira em outras situações e podem ter sido incluídos outros que não lhe devem nada.

O ordenamento da toponímia deste quadro não é alfabético, nem geográfico, mas teve apenas em consideração as etapas genéricas do processamento mineiro.

Termo base (etapas de atividade)	Topónimos recolhidos no cadastro do território	Qt.	Paralelos arqueológicos (Bibliografia e Portal do Arqueólogo)	Paralelos na serra da Maragateria, região de Teleno (León)
Mina	Mina, Arroyo de la Mina, Cancho de La Fuente de la Mina, Fonte da Mina, La Mina, Mina Brillante, Mina de Grava (2), Mina de Orgueirel, Mina do Carvalhal, Mina Manolita, Minas da Assentada, Quinta da Tapada das Minas, Quinta das Minas	14	Cerro da Mina (Mértola: CNS 36527; Alcoutim: CNS 4823); Outeiro da Mina (Borba: CNS 538)	Não considerado
Veio	Pisão da Veia, Quinta dos Veiros, Ribeiro Vieiro, Quinta da Vieira, Viera, El Viero	6	Vieiros (Valverde del Fresno: Barrios <i>et alii</i> , 2010: 229).	Veneiro, El Veneiro
Corte	Corte, Cortes (3), Corte Cimeira, Corte do Grande, Cortes da Eira, Cortelha, Cortelho, Cortinho, Prado da Corte, Quinta da Corte, Quinta da Corte do Cavalo, Quinta das Cortes do Rei, Ribeira das Cortes, Tapada das Cortes (2), Malhada Cortada, Quarta, Quartos, Quarta-feira	21	Corte do Pinto (Mértola: CNS 36507); Cortas da Presa (Penamacor: CNS 4211); Corte do Bispo (Lagos: CNS 1263); Corte do Sobro (Aljezur: CNS 1167); Corte Pão e Água (Mértola: CNS 36583); Cortes Pereiras (Alcoutim: CNS18503)	Corte del Ramallal, Las Cortes, Los Corticos
Vala	Quinta da Vala, Valagão, Valagões	3		La Vallada
Poço	Poça, Poço Bueno, Poço da Malhada, Poço da Volta, Poço do Inferno, Poço do Sino, Poço Redondo, Poço Velho, Poço dos Lobos, Poços Ferreiros, Poceirão, Poceiro, Terra dos Poços, Vale do Poço, Vale das Poças	15	Poço do Freitas (Bobadela, Boticas: Martins, 2010); Poço Redondo (Tomar: CNS 35814); Poço da Pedra Azul (Vila Velha de Rodão: CNS 27924); Poço dos Lobos (Vimioso: CNS 13214)	Las Pozas (3), Fuente la Poza, Pozas de las Lameiras, Poza de las Murias, Mata del Pozo, Pozacos, Pozo Fundado, Teso del Pozo, Pozos, Vadepozuelos, Pozolobos, Los Pozuelos, La Poza, Fuente del Pozaca, Mata del Pozo
Buraco	Catraia do Buraco	1	Buraca da Lameira (Gavião: CNS 15545); Buraco das Revoltas (Penamacor: CNS 26522, 26487); Buraca da Moura (Vila Velha de Rodão: CNS 2322; Castelo Branco: CNS 19553; Proença-a-Nova: CNS 28165)	Sem ocorrências
Olho	Olheiras, Olheirões, Olheiros	3		Sem ocorrências.
Fonte	Fonte Seca (2), Fonte Fria (3), Quinta da Fonte Fria, Terra Fria	7		Fonte de los Lamberones, Fonte de Valdeconejos, Fuente de los Colmenares, Fuente la Poza, Fuenllabrada, Fuente Llamas del Mar, Siete Fuentes, Fuente de la Raposa, Fuente Fria, Fuente Perra, Fuente de la Canalina, Fuente de los Ferreiros, Fuentecola, Fuente de los Margatos, Fuente del Pozaca.
Batoca	Batocas, Vale das Batocas, Batoquina, Batoquinhas	4	Batocas (Ardãos, Boticas: Martins, 2010)	Sem ocorrências.

Cova	Covas, Cova Grande, Covão (2), Barroco da Cova, Covões (6), Covais, Moinho do Covão, Quinta do Coval, Quinta do Vale dos Covões, Cova do Frande	16	Cerro das Covas (Tavira: CNS 18311); Cova da Moura (Vila Velha de Rodão: CNS 2335; Oleiros: CNS 13110); Covas dos Mouros (Vinhais: CNS 18996); Vale das Covas (Sánchez-Palencia <i>et alii</i> , 2017: 104)	Las Covachas, La Cueva (3), Carrera Cueva, Carcuevas, Valdelascuevas, Arroyo de la Cueva, Teso de la Cueva, Carralcuevo, Las Cuevas, Valcuevo
Fojo	Fojo (3), Fóios, Quinta do Fojo, Las Hoyas, Hoya Honda	7	Fragão do Fojo (Ardãos, Boticas: Martins, 2010); Fojo das Pombas (Valongo: CNS 1105)	El Foyo (4), Foyacal, Los Foyacales(2)
Toca de animal	Tapada da Raposa, Alto do Raposo, Raposinho, Raposeira (2), Ribeira da Raposeira, La Raposa, Teixugueira (3), Teixugueiras, Barroca dos Lobos, Poço dos Lobos.	13	Covão do Urso (Penamacor: Sánchez-Palencia e Pérez García, 2005: 268)	El Raposo, La Raposa (2), Las Raposeras(3), Raposeras, Valraposo, la Raposera, La Toca Blanca.
Colmeia	Cabeço das Colmeias (2), Vale das Colmeias, Colmeal (2), Colmeal da Torre, Cabeço do Colmeal, Colmeiro, La Colmena, Teso de Las Colmenas (2), Colmeneros, Prado Colmenero, Vale da Colmeira	14		Los Colmenares, Arroyo de los Colmenares, El Colmenar, Fuente de los Colmenares
Ouro	Barroca do Ouro, Fonte do Oiro, Pião de Ouro, Ribeira do Avereiro (=Aureiro)	4	Cerro do Ouro (Mértola: CNS 36507); Ourinho (Pampilhosa da Serra: CNS 4883)	Sem ocorrências.
Lavadouro	Lavajola, Barroca da Navijola, Lavacinhos, Navacinhos, Alavancos, Labaços	6	Minas do Lavadouro (Vila de Rei: CNS 23063)	Llastra de las Lavanderas, Los Lavalluelos
Pisão	Pisão da Veia, Pisões, Murteira (2)	4		Los Pisones, El Pisón, Pisafuelles
Malhar	Malhada (2), Malhadas (3), Malhadinha (7), Malhadinhas (3), Malhadio, Malhadil, Malhada Alta (2), Malhada Cortada, Malhada da Barroca, Malhada da Páscoa, Malhada da Piçareira, Malhada da Quinta, Malhada de Cieiro, Malhada de João Calvo, Malhada do Barroso, Malhada do Bispo, Malhada Formosa, Malhada Grande, Malhada Medronheira, Malhada Sorda, Malhada Velha (2), Alto da Malhadinha, Cabeço da Malhada Alta, Malhadiz de Baixo, La Majadilla, Majadal, Risca da Malhadinha, Sítio das Malhadinhas, Vale da Malhada Alta, Prado da Malhada	43	Malhadal (Portimão: CNS 7499)	Mallada del Palo, Mallada de Peña Bellosa, La Malladica, La Malladina, Las Malladas, Cerro de Malladín, Los Malladines, Las Malladas, Majada de Malladón, Majada de las Palombiellas, Majada Antigua de Marcaríel, Majada del Medio, Majada Fundera, Majada de la Gorda, La Majada, Majada de Malladón, Llama de la Majada, Las Majadas(3), Mayadicás, Los Mayadones
Gralhar	Gralhais, Quinta de Gralhais, Vale das Gralhais	3	Gralhas (Montalegre: Martins, 2010); Gralheira (Vila Pouca de Aguiar: CNS 17775); Buraco da Gralheira (Mirandela: CNS 2076); Gralheira de Água (Arouca: CNS 23834)	Sem ocorrências
Forno	Vale de Forno, Forninhos (4), Fornito (3), Quinta da Fórnea, Quinta das Fórneas, El Canchal del Horno	11	Fornos dos Mouros (Vinhais: CNS 19079)	Fornillos, Fornecitos, Los Fornos, Valle Fornillo, Las Fornias, Arroyo de los Fornillos, Los Fornillos, Horno de Harriba, Los Hornos
Queimado	Queimada (2), Queimadas (2), Queima Ferro (2), Cabeço Queimado, Moinho Queimado, Prado Queimado, Quinta das Queimadas, Ribeiro da Tapada Queimada	11	Alcaria Queimada (Alcoutim: CNS 18502)	Molín Quemado, Quemacapas, La Quemada (4), Prado Quemado, Quadras de Valquemado, Las Quemadas

Lagoa	Lagoa, Lagoeira (2), Lagoeiro (3), Lagoinha (3), Alagoa (2), Alagoas (4), Alagão, Alagoeirias, Alaguinhas, Lagoa do Jorge, Quinta do Lagoeiro, Ribeiro da Lagoa, Serra da Lagoa	22	Lagoa do Brejo (Bobadela, Boticas: Martins, 2010); Lagoa Negra (Barcelos: CNS 356); Alagoas (Loulé: CNS 4117); Lagoa (Nisa: CNS 4944)	La Laguna (3), Las Lagunas(3), Laguna Ultera, Laguna de Valseco, Canalón de las Lagunas, Laguna de los Patos, Lagunas de Somosa, Los Lagonillos, Laguna Cavada, Laguna Moeya, La Lagunilha
Presa	Presa, Quinta da Presa, Ribeiro da Presa, Serra da Presa	4	Cortas da Presa (Penamacor: CNS 4211)	Las Presas (2), La Presa (2), Arroyo de las Presas, Peña de la Presa, Las Presicas, Presa de la Llama Redonda, Presa de los Canales
Cale	Cales, Calpedra, Fonte da Cal (5), Alto da Fonte da Cal, Ribeira da Cal, Ribeira da Cale (2), Vale das Calhas	12		La Calera (2), Majada del Callenal, La Calaninas
Corgo	Corgos, Quinta do Corgo, Corvos? (3)	5		Peñas del Cuervo(3), Teso de Valdecuervo, Arroyo de Valdecuervo
Ferro	Ferrarias (5), Ferreiras, Ferrarias de Baixo, Moinho das Ferrarias, Ferreira de Cima, Ferranha, Alto da Ferreirinha, Barroca Ferrenha, Ferrenhas, Ferrolho, Fonte do Ferro, Fonte Ferrenha, Fonte Ferranha (3), Pinhal da Ferreira, Las Herrerias, Quinta do Ferrinho, Quinta do Soito Ferreira, Ribeiro da Ferreira, Ribeiro da Ferrenha, Ribeiro das Ferrarias, Ribeiro de Ferro, Sítio da Ferreira, Tapada das Ferreirinhas, Águas Férreas	30	Ferrarias (Cervos, Montalegre: Martins, 2010; Covilhã: CNS 16019); Horta das Ferrarias (Almodôvar: CNS 24097)	Era del Ferrero, La Ferradura, Molinaferrera, Villaferruelo, Cantera Ferrero, Corral Ferruelo, Los Ferrinales, Fuente de los Ferreiros, Ferrião, El Fierro, Valdefierro, Valdefierro, Trasdefierro
Rasa	Rasa (5), Raza (3), Rasa Grande, Cabeça Rasa, Cabeço da Rasa, Quinta da Rasa (3), Tapada Rasa	15		La Rasa, El Raso(3), Las Arrasadas
Calvo, Pelado, Rapado	Monte Calvo, Cabeça Calva, Cabeza Calva, Pelado, Peladas, Cabeça Pelada, Cabeço da Pelada, Alto do Outeiro Pelado, Pelada da Giesta, Pelada de Tio Silvestre, Pelada de Las Tres Rayas, Pelada del Sordo, Teso Pelado, Rapado, Cabeça Rapada	14		Peña del Calvo, Navalcalvo, La Calva
Enxara	Enxaria, Enxaxa, Inchara, Inchoa	4		Sem ocorrências
Lomba	Lomba (9), Lombas (4), Alto da Lomba (2), Alto das Lombas (2), Moita da Lomba	18	Lomba (Sardoal: CNS 25784); Lomba da Barca (Nisa: CNS 29230); Lombeiro (Sánchez-Palencia <i>et alii</i> , 2017: 85)	Matalomba, La Llomba, las lombas, El Lombillo, Llombo Corrales, Trás de la Lomba, Los Lombillos, la lomba, Llomo, Llomo de Golpiera, Llomo del Codesal, la loma, la Lloma, Loma de Mataperras, Matalomba, Llomo Galicia, Llomo Corrales, Lomo de Grañas, Ucecollomo
Rebolo	Rebola, Rebolal, Rebolais, Rebolosa, Quinta do Reboleiro, Quinta do Rebolal, El Rebolero, Vale de Bolos	8		El Rebolal, Rebodiel
Cascalho	Cascalho, Cascallo (4), Cascalhal, Cascalheira, Barroca da Cascalheira, Quinta da Cascalheira	9		El Cascallo (2), Los Cascalles, Los Cascallos, Cascalaleras

Areia	Areal (3), Areeiras, Areosa, Cabecinho da Areia, Vale d'Areia, ribeira do Arneiro	8	Areal (Vila de Rei: CNS 23066)	El Areal, Pontón del Arenal
Piçarra	Piçarras, Piçarreira (2), Piçarreiras, Malhada da Piçarreira, Piceralvas	6		Pizarra(2)
Pedra	Pedra Quebrada, Pedreira, Pedreiras, Pedregosa, El Pedregal, Pedrogãos, Pedra Furada, Barroca das Pedras, Quinta dos Pedreiros, Seixo do Pedrão, Vale Pedrão	11		La Pedrosa, Los Pedredos, La Pedrera (6), El Pedregal, El Pedregalon, Murias de Pedredo, Teso la Pedrera, Piedra Era de las Piedras, Piedras Albas
Canto	Cantos, Moinho do Canto, Cabeço do Canto da Ribeira, Fonte dos Cantos, Fuente de Los Cantos (2)	6		Oceo de Cantalobos
Seixo	Seixo (2), Seixo do Pedrão, Seixo do Côa, Seixo Amarelo, Ribeira do Seixo (2), Seixal (2), Seixais, Seixeira (3), Seixinhas, Seixeirinho, Seixinho Branco, Fonte do Seixo	17	Monte do Seixo (Tavira: CNS 18268); Vale do Seixo (Sánchez-Palencia <i>et alii</i> , 2017: 82); Cabeço do Seixo (Sánchez-Palencia <i>et alii</i> , 2017: 88)	El Xeixón
Branca	Terra Branca, Quinta Branca (4), Costa Branca, Lage Branca, Pedras Alvas	8	Monte Branco (Mértola: CNS 36565)	Penás Blancas(3), Camino Blanco, Penás Blancas (2), Camino Blanco, Barrerica Blanca, Toca Blanca, La Toca Blanca, Piedras Albas, Mata Peralba
Amarelo	Seixo Amarelo, Ribeiro do Amarelo, Casa Amarela, Quinta Amarela, Barbas Ruivas, Ruivós (2), Ruvinha	8	Monte dos Amarelos (Braga: CNS 32903)	Matas Rubias, Las Rubianas
Outras cores	Negrinhos, Ngreira, Quinta Negra, Moita do Negro, Ribeiro do Lagar do Negro, Terra Negra, Barrocos Negros, Toco Negro, Barrocos Negros, Catraia da Barriga Negra, Arroyo del Fusiño Negro, Vale da Preta; Vermelho, Cabeza Bermejo, Tinto, Sangranheira, Rio Castanho/Ribeira do Rodó Castanho	16	Lagoa Negra (Barcelos: CNS 356); Mina da Tinta (Castelo Branco: CNS 22412)	Matas Rubias, Las Rubianas, Las Rubias(2), Mata Rubia, El Rubialeo, Arroyo de las Rubias, Alto de Las Rubias, Arroyo de Rubialeo, Sanguinal de Abajo, Sanguinal
Caldo	Caldinhas, Caldeirinha, Caldeirinho, Caldeirinhas (2), Quinta da Caldeirinha, Caldeirões, Los Calderones, Monte do Caldo	9	Caldeirinhas (Alcoutim: CNS 18456); Ribeira das Caldeiras (Sardoal: CNS 25789); Sítio das Caldeirinhas (Alcoutim: CNS 18526)	La Caldreira
L a m a / Lodo	Lamas, Lamosa, Quinta das Lamas, Quinta do Ribeiro das Lamas, Barroco do Lodeiro, Los Lamederos	6	Vale de Lamas (Mértola: CNS 36518); Lamas da Cidade (Boticas: CNS 19791)	Llama Luenga, Llamas del Toro, Llamancosa, Los Llamirones, Llamas del Portillo, las Llamas, Lama de Bostardo, Los Llamazales, Valdelallama, Las Llamas, Las Llameiras, Llameras del Colorado, las Llameronas, Llamazales, Corona de Río Llamas
Porcaria	Serra/Ribeira do Porco, Porqueira, Porqueiras, La Porquera, Ribeira da Porqueira, Porquera de Abajo, Barroca de La Porquera, Vale da Porcarinha, Vale da Porqueira, Estercadinha, Las Esterçadas, Quinta do Chiqueiro, Barranco de Los Chiqueros, Quinta da Chafurda, Vale das Chafurdas, Ribeira da Marrã	16	Porqueira (Faiões, Chaves: Martins, 2010)	Reguero Cagacera, La Puerca, Barranco de La Puerca, Ciupuerco, Llano la Puerca

Cerdeira	Cerdeira, Cerdeiral, Ribeira da Cerdeira, Várzea do Cerdeira	4	Vale das Cerdeiras (Sarraqinhos, Montalegre: Martins, 2010)	
Mel	Quinta da Melada	1	Cidade de Mel (Chã, Montalegre: Martins, 2010); Metoque, Rio de Mel (Trancoso: CNS 5189)	Rio Rindaniel
Topónimos duplamente mineiros	Malhada Cortada, Queima Ferro, Poço da Malhada, Pisão da Veia, Calpedra, Pedras Alvas, Seixo Amarelo, Seixo do Pedrão, Fonte dos Cantos			Fuente Llamas, Piedras Albas
Outros prováveis	Canas, Colancana, Lagar do Tesoiro, Quebrada, Quinta do Sumidouro, Ribeira do Semideiro, Samideiro, Alcambar, Cambras, Águas Altas		Canal Caveira (Grândola: CNS 4391); Pêgo da Quebrada (Alcoutim: CNS 18512)	Canalón de las lagunas, Prados del Canal, El Cañivizón, La Cañada, Arroyo de la Cañavera. Los Caños, la Cañadica, Las Cañadas, El Llagarellho, Llagareiros

Quadro 2. Toponímia de cariz mineiro obtida na cartografia militar portuguesa e espanhola da região estudada

Merecem uma explicação à parte aqueles termos que foram incluídos nesta listagem e que são menos usuais no léxico comum ou que apresentam um significado dúbio:

a) *Cale* – O topónimo é muito frequente em Portugal, conhecendo-se 40 locais assinalados nas cartas militares portuguesas⁶, estando estes associados a vias, portos e passagens de rios. Mas nesta região a população usa o termo para denominar canais e regos de transporte de água, derivado do latim ‘*canales*’ (Piel, 1945: 316; Machado, 1993: 140, voc. ‘cales’), que podem muito bem dever-se também à atividade mineira.

b) *Corgo* – Canal ou conduta por onde corre água. Não é um topónimo muito comum nesta região, ao contrário da província algarvia e da costa alentejana, por isso os exemplos identificados nesta região podem dever-se à primitiva denominação latina dada às antigas condutas de água para lavagem do minério (=córrego <*corrugus*: Piel, 1945: 341; Pérez González e Matías Rodríguez, 2008: 54).

c) *Batoca* – O verdadeiro significado etimológico do termo ainda é desconhecido, embora existam cerca de 20 casos em Portugal, todos a norte do rio Tejo. Para alguns autores refere-se a um buraco ou uma cova de onde se retirou barro ou outro material, que até pode encher-se de lama e lodo em época de chuvas (Riesco Chueca, 2013: 168), mas também pode estar associado ao latim *battuere* (= bater), como um lugar de bateamento (Coca Tamame, 1993: 289) ou à ideia de um espaço oco. Todos estes conceitos podem dever-se à presença de antigos poços e galerias de mineração no local (Fig. 4).

d) Recolhe-se muita toponímia associada a toca de animais, referindo-se particularmente a buracos existentes nos terrenos que a população atribui aos animais selvagens, como ‘raposeira’, ‘teixugueira’, ‘cova do lobo’ ou ‘covão do urso’. Embora haja casos conhecidos que foram atribuídos igualmente a sítios arqueológicos que apresentam construções soterradas ou cavidades de grandes dimensões, ela está

por vezes associada às covas, buracos e galerias mineiras.

e) *Colmeia* – Algo semelhante às tocas de animal acontece quando se identificam múltiplos orifícios no solo que o povo denomina de colmeias, colmeal ou colmenero (em castelhano).

f) *Mel* – Quando este termo é atribuído a um local ou a uma linha de água, pode dever-se a uma possível consistência viscosa e coloração amarelada das águas, em consequência dos danos ambientais provocados pela mineração.



Figura 4 - Zona da exploração mineira das Batocas (Aldeia da Ribeira).

g) *Enxara* – Termo de provável origem árabe, aplicado aos terrenos maninhos onde não cresce vegetação (Machado, 1981: 502). Este exemplo toponímico, como muitos outros, pode identificar terrenos afetados ambientalmente pela pretérita exploração mineira. Neste sentido, a fitotoponímia silvestre como ‘giestal’, ‘espinhal’, ‘silvado’ ou ‘codeçal’⁷ pode estar em alguns casos associada a terrenos afetados pela intensidade da ação mineira, onde durante séculos o cultivo agrícola e a floresta foram impossibilitados. No passado, as terras eram sistematicamente cultivadas, perdurando apenas na toponímia aquelas que se revelaram permanentemente impróprias para a agricultura, revestidas de matos e vegetação daninha.

Foram cartografados em ambiente SIG os topónimos de carácter mineiro localizados dentro da área pré-definida de 60X40 km, obtendo-se uma mancha de pontos com diferentes densidades. O respetivo mapa revela a presença desta toponímia por toda a área abrangida (Fig. 5), mas com maior concentração em torno das povoações de Gonçalo, Seixo Amarelo e Benespera (Guarda), Monte do Bispo (Belmonte), Meimão (Penamacor), Casteleiro, Santo Estêvão, Moita, Malcata, Quadrazais, Souto, Vale Mourisco, Cerdeira (ver Fig. 6), Aldeia da Ponte, Batocas e Aldeia Velha (Sabugal). Estas concentrações de nomenclatura mineiro-metalúrgica não são totalmente coincidentes com o mapa das minas licenciadas no séc. XIX e XX (Fig. 3), o que indicia que possa haver zonas de mineração mais antigas que não foram exploradas em época mais recente, mas cuja toponímia é fortemente reveladora dessa possibilidade.

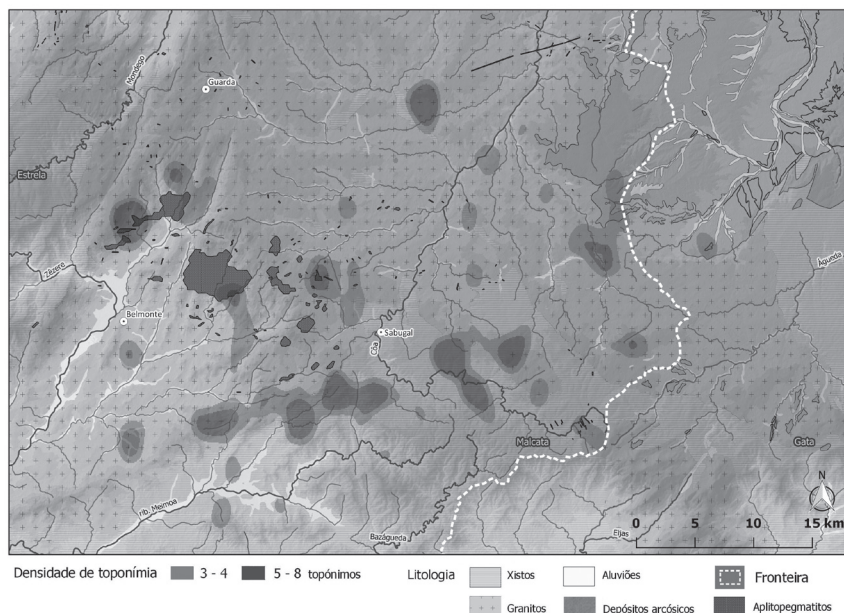


Figura 5 - Mapa geológico da região estudada assinalando as áreas de maior densidade de toponímia de teor mineiro.

Se nesses lugares não se confirmar a presença de antigas estruturas ou evidentes alterações do meio físico é provável que o topónimo esteja deslocado ou não se refira especificamente a esta atividade.

2.4 A definição da rede toponímica das áreas mineiras

O mapeamento dos topónimos mais frequentes relacionados com esta atividade permitiu identificar as áreas mineiras de maior potencial neste território. Aí constatou-se a presença simultânea de alguns destes 44 tipos recorrentes do quadro 2, formando uma rede de topónimos comuns em cada zona de exploração, associados aos diferentes níveis de extração e tratamento do produto mineiro.

No passado, tal como agora, esta atividade era repartida por várias etapas e em zonas distintas da frente de exploração (Fig. 8), dependendo das técnicas utilizadas e do mineral sondado⁸, às quais estavam associados procedimentos próprios (Martins, 2010: 110; Matias Rodríguez, 2014: 4). Na sua obra *Naturalis Historia*, Plínio refere que o ouro se obtinha pelo bateamento das areias dos rios, pelo derrube dos montes (*ruina montium*) ou em poços e galerias, método de extração sobre o qual particulariza quatro ações sequenciais: «triturar, lavar, queimar e moer» (Allan, 1965: 156; Pérez González e Matías Rodríguez, 2008: 52).

Estes processos causavam diferentes repercussões ambientais nos solos, na água e na cobertura vegetal (Nunes, 2001-2002: 423), e deram origem a topónimos específicos do impacto de cada etapa do

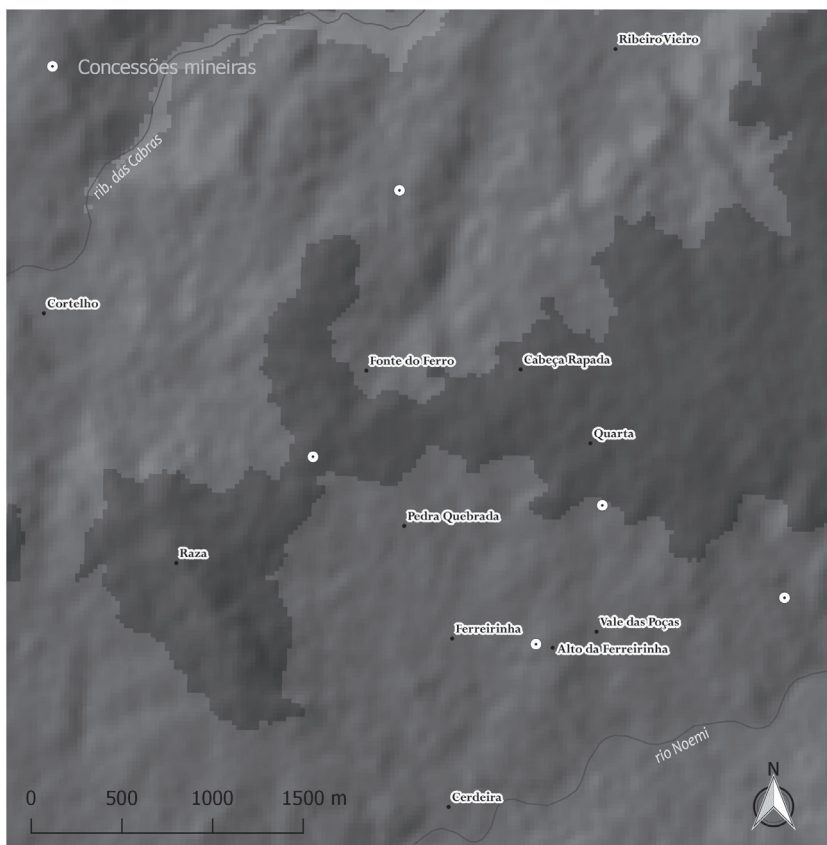


Figura 6 - Exemplo de recolha toponímica de carácter mineiro na freguesia da Cerdeira (Sabugal).

processo, ainda que muitas vezes mitigados por ações mais recentes.

A análise da distribuição destes topónimos possibilita a compreensão dos padrões de organização espacial das sucessivas fases de extração, seleção, redução e transformação da matéria-prima, dando indicações precisas sobre a localização das estruturas a elas associadas: as represas de água, os vários tipos de canais, os pontos de lavagem, os fornos, os locais de despejo das escórias, as zonas de fracturação e moagem, as escombreyras e pontos de evacuação de efluentes. Todos estes processos são revelados por toponímia específica, repetidamente identificada no reportório desta região (Fig. 6) e em outras zonas por nós consultadas.

Quanto maior a extensão explorada, maior será naturalmente o volume e a diversidade de materialidades visíveis com reflexo na toponímia. É aqui que se tornam extremamente importantes os nomes dos sítios para caracterizar e até definir a amplitude máxima de uma

frente mineira, mas também o tipo de exploração praticado nesse local e, em casos esporádicos, induzir até o tipo de minério.

A extração em jazigos primários a céu aberto (em corta, cova ou trincheira: figs 11 e 12) tem uma nomenclatura própria, clara e segura, diferente da toponímia das explorações subterrâneas (em poços e galerias) que, por sua vez, se distingue das extrações em jazigos secundários, que são menos detetáveis no registo toponímico, em particular a lavagem e o bateamento dos aluviões auríferos e estaníferos (Martins e Lemos, 2011: 299). Topónimos como Fojo ou Vieiro referem-se naturalmente ao primeiro método de exploração, enquanto Lavajos ou Lavacolhos resultam do segundo.

Da mesma maneira, os topónimos com referência à cor das águas e dos solos, como por exemplo Terra Branca, Ribeiro dos Amarelos, Seixo Amarelo, Tinto, Negrinhos, Vale da Preta ou Águas Férreas, podem ser fortes indicadores de veios mineralizados ou das consequências ambientais da atividade mineira nessas zonas.

A partir do momento que estes topónimos são identificados e definidos, para cada uma das fases, torna-se mais fácil partir para o terreno e cartografar as diversas áreas de intervenção. É evidente que estes exemplos toponímicos não estariam presentes em todas as frentes. Alguns são expectáveis, dependendo sempre da dimensão do empreendimento, e outros podem sobreviver ou não, em função da sua preservação na memória popular.

Neste momento parece-nos possível definir, a partir da listagem do Quadro 2, quatro categorias de topónimos associados às distintas etapas da atividade. Estes quatro *conjuntos mineiro-toponímicos* poderiam ser desdobrados em mais subgrupos, mas optou-se por simplificar e agrupar por características comuns.

Grupo A	Áreas de extração em jazida primária ou secundária	<i>Mina, veio, corte, vala, poço, buraco, olho, fonte, batoca, cova, fojo, colmeia, toca de animais, ouro</i>
Grupo B	Áreas de seleção, separação, redução e transformação do minério	<i>Lavadouro, pisão, malhar, gralhar, forno, queimado</i>
Grupo C	Estruturas hidráulicas ligadas à atividade	<i>Lagoa, presa, corgo, cale</i>
Grupo D	Atributos físicos da área explorada, subprodutos da atividade e danos ambientais	<i>Ferraria, rasa, calvo, pelado, rapado, enxara, lombá, rebolo, cascalho, areia, piçarra, pedra, canto, seixo, branco, amarelo, caldo, lama, lodo, porcária, cerdeira, cores, mel</i>

Este esquema é fundamental porque permitirá, a partir de agora, proceder a esta mesma classificação em outras regiões peninsulares. É curioso, por isso mesmo, que muitos destes topónimos são registados nos estudos de mineração da vizinha Espanha⁹, nas suas variantes castelhanas, como por exemplo, Quemada, Hoyo, Fornillo, Lavayo, Escoriales ou Herrería (Gutiérrez González *et alii*, 1994; Grañeda Miñon *et alii*, 1994: 246; Jordá Bordehore *et alii*, 2005: 29).

No seguimento deste exercício preliminar, delimitaram-se já as primeiras grandes áreas mineiras deste território (Fig. 7), ainda que sujeitas a correções e acertos com o evoluir do estudo, pela grande concentração de licenças de exploração mineira, por vezes com distintos métodos e com múltiplas frentes, que se estendem por vários quilómetros, estando geralmente associadas a filões mineralizados, às linhas de água que os atravessam e às respetivas bacias de aluvião (Martins, 2010: 110).

Consideramos como indiscutíveis as concentrações de pontos nas seguintes áreas descritas de forma genérica:

Área 1 - Faixa Guarda-Belmonte englobando a zona do Seixo Amarelo (Guarda) e da Bendada (Sabugal) que são áreas particularmente ricas em elementos aplitopegmatitos e cristas quartzíticas (Thadeu, 1965: 21), bem como todos os afluentes do rio Zêzere: ribeiras da Gaia, das Maçainhas, das Ínguias e de Valverdinho, conhecidas pelas suas abundantes explorações aluvionares estaníferas, sendo que todas elas atravessam múltiplos veios quartzíticos.

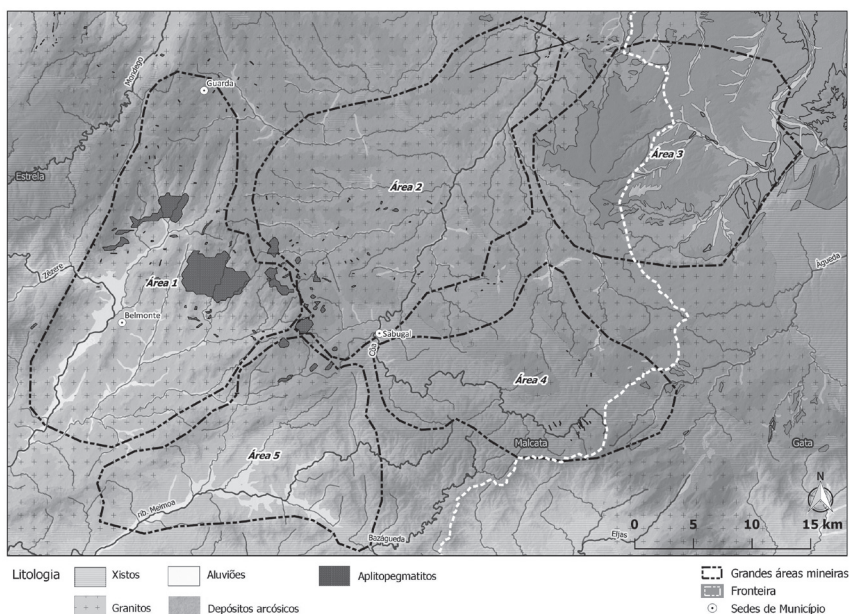


Figura 7 - Áreas de exploração mineira concentrada na região estudada.

Área 2 - Faixa paralela ao curso do rio Côa, especialmente na sua margem esquerda, compreendida entre as povoações da Aldeia de Santo António (Sabugal) e de Castelo Mendo (Almeida), tirando partido dos vários cursos de água subsidiários deste rio que atravessam áreas fortemente mineralizadas por extensas cristas de quartzo, no sentido NNO/SSE, em particular das ribeiras da Paiã, do Boi, de Ade e o rio Noemi.

Área 3 - Polígono situado na parte nordeste do território estudado, com vértices nas povoações do Poço Velho, Arrifana, Rebolosa, Albergaria de Argañan, Campillo de Azaba e Espeja, que engloba a unidade litológica dos depósitos arcóscicos e dos aluviões das linhas de água que correm por essa área geológica em território português e espanhol.

Área 4 - Faixa que engloba o curso superior do rio Côa entre os Fóios e o Sabugal, incluindo ainda a região de Navas Frías, compreendendo as encostas setentrionais das serras da Malcata e das Mesas, bem como toda a serra do Homem de Pedra, e os respetivos afluentes que nascem nesses relevos.

Área 5 - Polígono abarcando praticamente toda a bacia hidrográfica superior da ribeira da Meimoa, com particular destaque para os seus aluviões e os das ribeiras da Senhora da Póvoa, da Nave e do Casteleiro.

A toponímia permite, em casos especiais, obter igualmente alguns indicadores cronológicos sobre esta atividade ancestral. Nesse sentido, Domergue estabeleceu uma série de conjecturas sobre a possibilidade de dedução cronológica a partir da análise etimológica da toponímia mineira e do seu contexto geográfico de referência (1990: 483-488). Quando um topónimo deste teor está presente na documentação medieval de uma região (como as cartas régias de povoamento ou os aforamentos particulares), ele constitui um provável indício da antiguidade da exploração, mesmo que esta aparece licenciada somente no séc. XIX. Temos o caso das Batocas que são assinaladas como limite concelhio de Vilar Maior (Sabugal), em 1227 (*Battoucas*: Nogueira, 1983: 39), mostrando que este local com toponímia resultante dos testemunhos de antiga mineração identificados nos terrenos (Fig. 4), do qual existem paralelos em outras áreas mineiras peninsulares (Martins, 2010: 116), já era assim designado durante a reorganização administrativa medieval de Riba-Côa.

A mesma situação parece acontecer na atual ribeira do Avereiro (Seixo Amarelo, Guarda), junto às famosas explorações mineiras dessa freguesia, cuja cabeceira de água foi considerada como extrema do termo da cidade da Guarda, em 1199 (*PMH*, 510-511), com o nome *colmeal d'aureiro*, que remete para uma zona rica em ouro (=aurum). Aqui temos uma referência clara a uma exploração de minério que não seria contemporânea deste diploma de D. Sancho I, mas muito anterior ao seu reinado, e suficientemente conhecida para designar

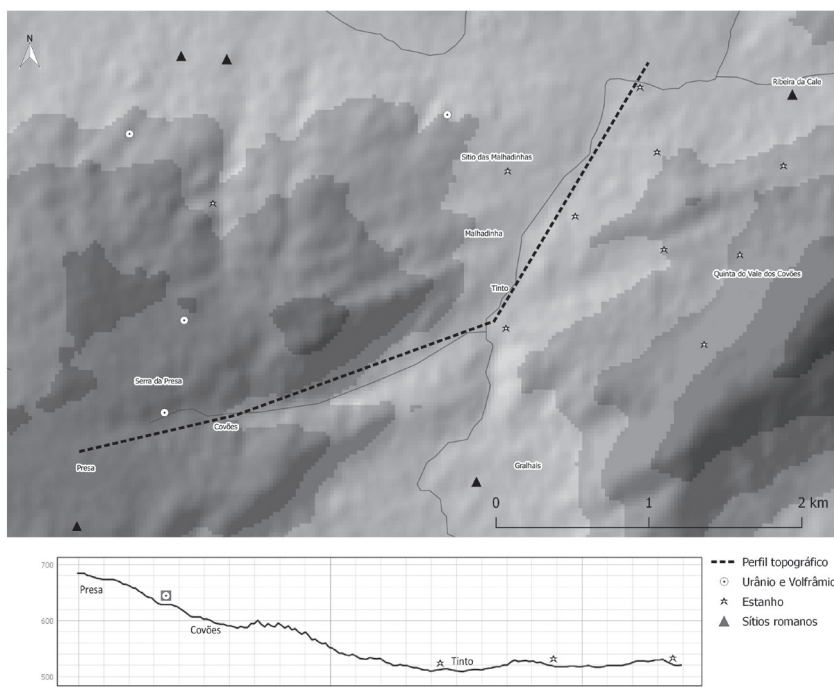


Figura 8 - Exemplo do esquema distributivo de um campo mineiro e seus topónimos, em planta e em perfil.

uma linha de água e constituir uma referência toponímica nos alvares da nacionalidade.

3. Nomes de aldeias com origem etimológica na atividade mineira

Olhando para a dispersão dos registos municipais de exploração mineira e para as minas cartografadas no LNEG percebe-se a existência de zonas de maior concentração. Naturalmente, podemos interrogar-nos se as povoações na proximidade destes pontos não se terão formado no decurso dessa atividade local e se os seus nomes não seriam explicados à luz desta antiga toponímia mineira.

Entre estas, destaca-se o caso dos **Fóios** (freguesia do Sabugal), em cujo termo nasce o rio Côa, que constitui uma área de intensa mineração licenciada nos séculos XIX e XX. O seu nome corresponde ao plural do vocábulo 'fojo' – com o sentido de buraco (com paralelo na aldeia de Hoyos da Extremadura¹⁰). O termo aplicar-se-ia a um lugar onde existiriam muitos 'poços' ou 'covões' antigos, não de armadilhas para caçar lobos como diz a tradição (Correia, 1946: 181), mas certamente decorrentes da exploração mineira, e provavelmente de cronologia romana (com paralelo toponímico em outras minas portuguesas: Martins, 2010: 116; Sánchez-Palencia *et alii*, 2017: 112). Relembremos

que ainda no séc. XIX e XX se atribuíam licenças de exploração de ouro, prata, urânio e volfrâmio em torno desta localidade (Fig. 2). Sem dúvida que os Fóios têm a sua origem numa aldeia mineira cujos habitantes exploravam todo este potencial apetecível na envolvência.

A povoação de **Poço Velho** (Nave de Haver), já no concelho de Almeida, anuncia a existência de uma estrutura de captação mineira que, à data da sua fundação, seria já antiga, sendo por isso adjetivada como ‘velha’. A existência nas proximidades de testemunhos de ampla exploração de estanho, no séc. XX, dão-lhe essa segura conotação mineira.

Os aglomerados populacionais da **Rebolosa**, da **Lomba**, das **Batocas** (Aldeia da Ribeira) e das **Alagoas** (Aldeia de Santo António) são núcleos urbanos atuais cuja denominação advém certamente de ocorrências físicas conectadas com a atividade mineira pré-medieval, que seriam fortemente marcantes na paisagem ao ponto de dar nome às localidades. Existem outros topónimos semelhantes a estes inscritos na listagem do Quadro 2, nesta região estudada, indicadores desta atividade e com evidências materiais de antigas explorações.

A aldeia da **Quarta-feira** (Sortelha) constitui ainda um enigma toponímico, mas que não pode ser facilmente explicável pela denominação do dia da semana. Por outro lado, conhecem-se em Portugal cerca de 23 locais com o nome Quarta ou Quartas (CIGeOE-SIG), e alguns deles nesta região. Tendo em conta que estes casos podem derivar do termo ‘corta’ mineira, é possível que aqui tenha sucedido o mesmo, com uma deturpação posterior do significado da palavra. Assim, parece-nos possível deduzir também esta origem mineira para o aglomerado populacional, não fosse a Quarta-Feira uma das regiões por excelência dessa atividade, desde o I milénio a.C. (Domergue, 1987: 522; Vilaça 1995: 71; Osório, 2012: 26-28).

As aldeias de **Ruivós** e **Ruvina** são outros dois casos paradigmáticos, tal como a povoação vizinha de Vale das Éguas. Devido à concentração de explorações de ferro e estanho assinaladas nos séculos XIX e XX nestas três freguesias, atribuímos para a origem dos seus nomes uma interpretação etimológica completamente distinta às propostas anteriores, pouco credíveis e de carácter lendário. Se consideramos que os dois termos geminados podem referir-se à cor ‘ruiva’ de tonalidade avermelhada ou ‘rubia’ (no castelhano) de coloração amarelada, acreditamos que à semelhança de outros lugares, como o Seixo Amarelo (Guarda), o Cabeço Vermelho (Fóios) ou a Aldeia Ruiva (Guarda), existiriam no passado evidências da existência de filões, veios ou solos de coloração avermelhada ou amarelada que terão justificado esta nomenclatura¹¹.

Também o nome de **Vale das Éguas** revelou-se pouco viável advir da lenda associada aos cavaleiros do povoado medieval amuralhado de Caria Talaia, nas proximidades (Osório, 2010). Pode, em alternativa, tratar-se de uma deturpação do termo castelhano «Valdelagua» ou

«Valles del água», conhecido em outras regiões mineiras espanholas (municípios de Corporales e Compludo, El Bierzo, León), que é explicado pela provável existência de abundantes condutas de águas para as jazidas primárias e secundárias que aí foram exploradas na margem direita do rio Côa. O volume de água debitada poderia ser significativo e a sua acumulação em charcas pelo vale seria bastante visível.

Por fim, o nome da **Malcata**. Tantas explicações já foram dadas para este topónimo, e ainda nenhuma convence plenamente. Agora, à luz das nossas comparações entre a serra da Malcata e a serra de Teleno (El Bierzo, León), onde existe uma grande formação orográfica denominada de Maragatería, surgiu-nos a hipótese da semelhança fonética. Os margatos são um grupo populacional antigo e peculiar deste território leonês, que deu nome a esta serra, embora a sua etnogénese esteja ainda envolta em mistério (Riesco Chueca, 2015). Essa comunidade esteve desde sempre ligada ao comércio ambulante de ouro e outros produtos valiosos. Se porventura um destes grupos tivesse vindo junto com os primeiros povoadores asturo-leoneses, que reocuparam as terras do vale do Côa durante os séculos XI a XII, alojando-se neste sector da Cordilheira Central onde a exploração mineira seria ainda potencialmente rentável, e fundasse aí uma aldeia, ela poderia ter ficado conhecida como a “aldeia maragata” (>*malagata* >*malgata* >*malcata*). Para além de uma sugestiva sonoridade comum, a evolução etimológica é possível. Como se sabe, a aldeia tem origem medieval, mas só deu nome à serra no século XX, pois a primitiva denominação desta formação orográfica era *Salama* (Osório, 2012: 60 e 69) ou *Xalma*, como refere Brás Garcia de Mascarenhas em 1643 (Saraiva, 1930: 443; Correia, 1943: 144). Mais tarde, também o nome de Mesas chegou a designar toda a cordilheira portuguesa (Memórias Paroquiais de 1758 de Alfaiates e de Quadrazais: Jorge, 1989: 41; Jorge, 1990: 57).

4. O impacto da atividade mineira na hidronímia

A água teve um papel essencial em todo o processo de extração e tratamento do minério, desde as técnicas mais antigas de lavagem e bateamento do ouro e estanho aluvionar, ao desmonte de filões primários ou de outros depósitos secundários, através da técnica de *ruina montium* romana, descrita por Plínio (Sánchez-Palencia e Sastre, 2002; Fortes, 2008: 52, 86 e 111; Pérez González e Matías Rodríguez, 2008: 44 e 56).

Nestes processos industriais a água foi retida nas represas, desviada do seu curso para canais (Fig. 10) que a projetavam em pontos específicos; foi usada como força motriz e condutora nos processos de separação e concentração do minério; e foi empregue igualmente como meio de evacuação dos detritos, contaminando os cursos aquíferos (Sánchez-Palencia e Pérez García, 2005: 271).

Naturalmente, esta ação do homem teve uma repercussão ambiental nos cursos de água que ainda hoje é visível no terreno e

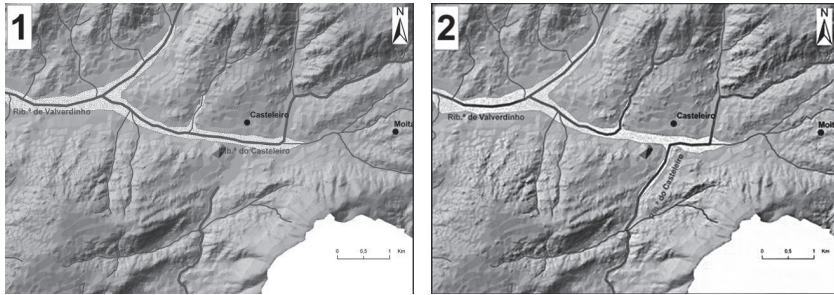


Figura 9 - Cartografia representando a alteração do curso da ribeira do Casteleiro, executada por Paulo Pinto (2013: 42) (1 = Antes; 2 = Depois).

deixou marcas na toponímia. Por isso, a hidronímia é um recurso imprescindível para o estudo desta antiga atividade económica em qualquer território, embora na maioria dos trabalhos sobre onomástica geográfica a componente mineira tem sido esquecida (ver exemplos em Piel, 1945; Rocha, 2017), e apenas é contemplada na investigação sobre mineração antiga em casos pontuais (Moralejo Laso, 1980: 167-170; Grañeda Miñon *et alii*, 1994: 247).

Em determinadas situações, a intervenção humana na hidrografia foi de tal forma impactante que alterou irreversivelmente o próprio traçado do curso de água. Nesta região temos o caso observado num troço da ribeira do Casteleiro que corre para poente e muda bruscamente de direção para sul, depois de passar junto à aldeia, vertendo para um leito que não era o seu primitivo (Fig. 9). Foram já invocadas explicações de natureza tectónica para este fenómeno de captura fluvial (Pinto, 2013: 42, Fig.18), mas dado que a ribeira abandona a primitiva direção de fratura, com desnível assinalável na topografia, e acaba por manter-se praticamente à mesma cota pela encosta poente da Serra da Opa, talvez esta modificação não se tenha dado por fatores geotectónicos, mas por ação humana, no âmbito da rede hidráulica de uma exploração mineira romana, algo que está comprovado em outras regiões peninsulares (Schwarz, 1933: 35; Martins, 2008: 54)¹². Se os romanos edificaram o grande paredão de retenção de águas, denominado “a presa”, na encosta poente deste vale (já referido no foral de Sortelha de 1228-1229: Osório, 2012: 56), poderão naturalmente ter desviado também esta ribeira pela necessidade de acumular um grande volume de água e debitá-la depois, com a necessária pressão, sobre um veio metalífero a meia encosta ou no sopé das serras envolventes. É por isso que nos inclinamos para uma alteração antrópica do curso de água¹³.

No decurso desta investigação ficou patente que a atual denominação de alguns cursos de água da região do Alto Côa está fortemente vinculada a esta atividade. Sendo a hidronímia bastante resistente à mudança, ela conserva as primitivas denominações e os substratos linguísticos arcaicos (Grañeda Miñon *et alii*, 1994: 247). A análise da sua origem etimológica, neste território, revela-nos o

impacto da componente mineira na população, ao longo dos tempos. Os hidrónimos costumam ser atribuídos de montante para jusante, e caso não tenham alterado o nome ao longo do seu traçado, referem-se sempre a realidades existentes no curso inicial (Marques, 1935: 409, nota 2).



Figura 10 - Uma perspetiva da condução de água aberta no substrato rochoso na base do Cabeço das Fráguas (Sabugal).

4.1. A cor das águas

A denominação de um curso de água pela sua coloração, quando provém de uma zona de intensa atividade mineira, é bastante comum na Península Ibérica, já desde a antiguidade¹⁴.

Temos o conhecido exemplo do **rio Tinto** que nasce na área de exploração do cobre da Sierra Morena (Huelva) e ganha esta coloração avermelhada pelos óxidos de ferro que o curso de água adquire (Domergue, 1990: 49; Olías e Nieto, 2015: 309). Este mesmo hidrónimo aparece em vários concelhos da faixa litoral portuguesa: Caminha, Viana do Castelo, Amares, Porto, Esposende, Vagos, Montemor-o-Velho e Marinha Grande, que poderão ou não estar associados à mineração.

Na própria ribeira do Casteleiro, referida atrás, foi dada licença municipal em 1922 para a exploração de cassiterite no lugar do **Tinto**, junto ao curso de água (Fig. 8). Mais uma vez, acreditamos tratar-se de um sugestivo topónimo correlacionado com a coloração fêrrica das águas derramadas das antigas explorações mineiras que existiram no local¹⁵.

Outro caso flagrante é o **rio Minho**, alimentado pelo afluente Sil que nasce nas encostas da maior exploração romana de ouro da Península Ibérica: *Las Medulas* (El Bierzo, León) (Sánchez-Palencia *et alii*, 2000: 199). O rio, como é sabido, deve o seu nome à tonalidade avermelhada das suas águas (*Minium* = vermelhão, zarcão ou cinábrio)

(Torrinha, 1942: 521, Moralejo Laso, 1980: 169). Na região da Beira Interior também existe o ribeiro do Minho, que nasce exatamente na freguesia do Ferro (Covilhã), acentuando mais uma vez a correlação entre esta área de território por nós estudada e outras de conhecida tradição mineira.

Mas as correspondências mineiro-toponímicas não se ficam por aqui: esse mesmo rio Sil (El Bierzo, León), que os autores creem ter o significado de ‘ocre’ (Moralejo Laso, 1980: 169), pode encontrar hoje um paralelo no **rio Ocreza**, afluente da margem direita do rio Tejo, onde são conhecidas importantes explorações aluvionares de ouro de época romana (Carvalho, 1979: 141). A sua nascente é na serra da Gardunha (que terá também recebido a denominação de *Ucreza* no início do séc. XIII: Alarcão, 2012: 126) e o seu nome poderá advir da primitiva coloração avermelhada das suas águas.

4.2. A composição das águas

No concelho do Sabugal, entre as linhas de água que correm por áreas de forte mineração, encontra-se a ribeira do Porco (Bendada), proveniente da serra do mesmo nome, onde foram atribuídas abundantes licenças camarárias no início do séc. XX para exploração do cobre, estanho, ferro, urânio e volfrâmio.

Correndo da vertente setentrional da serra da Malcata, conhecem-se a ribeira da Porqueira e a ribeira da Marrã, originárias nas cortas de ouro que aí foram em tempos exploradas. No lado oposto da cordilheira central, nas encostas meridionais da serra da Malvana, já no município de Valverde del Fresno (província de Extremadura), duas linhas de água afluentes do rio Erges têm por nome a Porquera de Abajo (a jusante do Arroyo de la Mina) e a Barroca de La Porquera. Elas atravessam as bem estudadas cortas auríferas de Los Vieiros, de cronologia romana (Sánchez-Palencia e Pérez García, 2005: 281).

A ribeira que nasce na povoação da Ruvina e corre para o rio Côa também se designa popularmente de ribeira da Porqueira. Tal como se denomina de Porqueira a encosta oriental do Seixo Amarelo (Guarda) – duas grandes áreas mineiras da região estudada, já aqui referidas anteriormente.

Na carta geológica espanhola de 1965, a atual ribeira das Batocas, onde foi explorado intensivamente o ouro e o estanho desde época romana até aos nossos dias, vem designada como Arroyo del Chiquero (Chiqueiro = recinto para criar porcos). A ribeira que nasce no interessante e sugestivo Cabeço Vermelho (Fóios), na raia luso-espanhola, é denominada como Barranco de Los Chiqueros. A Quinta do Chiqueiro (Marmeleiro, Guarda) e o vale das Chafurdas (Rochoso, Guarda) são outras denominações igualmente associadas à mineração praticada nessas áreas (Rodrigues, 1957; Ramos, 2010).

Outros dois casos paradigmáticos são o rio Castanho, que nasce precisamente na zona da corta de estanho, volfrâmio, titânio, scheelite e arsénico licenciada em 1939 e 1941, próxima do povoado mineiro medieval do Sabugal Velho (Aldeia Velha); ou a ribeira das Lamas (Sabugal), com origem entre dois topónimos bastante sugestivos, ‘Poceirão’ e ‘Malhada Grande’, que indica a ocorrência de lavagens de terra a montante do curso de água provavelmente com origem numa antiga frente mineira.



Figura 11 - Um exemplo de uma corta mineira na região estudada.

Fica por validar a hipótese do topónimo Cerdeira, muito comum em Portugal e recorrentemente associado ao fitanónimo ‘cerejeira’ (Fernandes, 1999: 173; Navaza Blanco, 2006: 203), derivar de ‘cerdo’ (=‘porco’ em castelhano) e que justificaria a sua atribuição ao curso de água que corre da referida área mineira do Seixo Amarelo (freguesia da Guarda) ou à povoação fundada com esta denominação, na margem esquerda do rio Noemi (freguesia do Sabugal), com inúmeras licenças mineiras nessa vertente do vale e com o maior núcleo de concentração mineiro-toponímica do território (Figs. 5 e 6).

Todos estes hidrotopónimos evocam a presença de visível sujidade na água, em épocas recuadas, que lhe daria coloração e consistência própria de dejetos animais¹⁶. Joaquim da Silveira fez uma abordagem interessante e muito exaustiva à presença do «porco na toponímia», mas infelizmente, o autor nunca assumiu os exemplos recolhidos e estudados como decorrentes da atividade mineira (1937: 88-96), o que constitui um manifesto lapso.

4.3. A lavagem do minério

No concelho do Sabugal, dois hidrotopónimos já desaparecidos da nomenclatura atual permitem retirar outras ilações relacionadas com a mineração: referimo-nos a *Lavacolos* e *Lavacolizinos* que aparecem como limites concelhios em documentação do séc. XIII¹⁷ (Vargas, 2001: 32; Marques, 2001: 64 e 210), correspondendo às atuais ribeiras da Quarta-feira¹⁸ e de Valverdinho.

A própria povoação de Caria, onde desemboca a referida ribeira, ganhou a designação de *Colos* (Curado, 1982: 89), havendo a referência documental de «*per diuisiones quod sunt inter Belmonte et villa Colos*» (1257) (PMH: 675) e a sua igreja matriz foi consagrada, nos sécs. XVII e XVIII, a Nossa Senhora de Lavacolhos (Vargas, 2001: 32).

Este topónimo, bastante antigo, tem origem etimológica no latim *lavo*, do verbo 'lavar', junto com a palavra *collum*, que pode ter várias interpretações possíveis (Osório, 2012: 54): desde o latim *collus*, de significado anatómico (= pescoço ou gargalo: Torrinha, 1942: 163) ao mais eufemístico *coleus* (= órgãos genitais masculinos: Torrinha, 1942: 161), passando pelo sentido geográfico (= depressão entre duas elevações, numa crista montanhosa, usada para passagem de uma vertente para a outra: DLP: 868 ou a variante *collis*= colina, outeiro: Fernandes, 1999: 389; Vargas, 2001: 32), até ao verbo *colar* relacionado com «filtrar, coar, verter gota a gota, clarificar e purificar», sendo *collum* um passador ou coador (Torrinha, 1942: 161 e 164).

Outra proposta sugestiva, mas que carece de fundamentação etimológica, vai buscar inspiração na denominação das escombreyas aluvionares popularmente designadas por *conhos*, acreditando que se trata de «uma corruptela de Lavaconhos» (Pereira, 2001: 11).

Contudo, para José Maria Piel, *lavaculum* seria apenas o lugar onde se lava, tendo uma sufixação semelhante a *cenaculum* ou *habitaculum* (Piel, 1945: 321), o que para nós constitui a explicação mais simples e aceitável, referindo-se a um lugar com tradição de lavagem de minério, tendo em conta a sua procedência da importante área mineira da Quarta-Feira (Sortelha) e da Bendada, onde se encontra o maior número de concessões mineiras de estanho aluvionar deste município. Curiosamente, no mesmo curso de água, aparece igualmente o topónimo Alavancos (Bendada), que deve ser outra derivação de *Lavacolos*.

Existem outros paralelos portugueses para este hidrotopónimo. No concelho do Fundão localiza-se a freguesia de Lavacolhos, nas margens da ribeira de Ximassas, próximo das minas da Argemela. Na freguesia da Praia do Ribatejo (Vila Nova da Barquinha), associado às famosas *conheiras* do Zêzere, identifica-se o lugar e a ribeira de Valacois, que deverá ser uma corrupção de Lavacolhos, como já foi sugerido (Pereira, 2001: 11).

Conhecem-se na região outros exemplos toponímicos de sonoridade muito próxima a este: Lavassos, Lavajos e Lavajolas (onde «o 'j' em lugar do 'lh' seria a evolução normal da palavra '*lavaculum*'»: Piel, 1945: 321), frequentes apenas no Algarve e na região raiana beirã, sendo também associados em língua castelhana a sítios de lavagem (Cejador y Frauca, 1910: 54). Aqui foram identificados na desembocadura da ribeira do Casteleiro com a ribeira da Meimoa (carta militar n.º 236, da década de 40); no nome de um arruamento na Quinta da Azenha da Mina, lugar da Grade de Ouro (Valverde, Fundão); como denominação de uma zona geográfica em Vale da Torre (Castelo Branco) e dando nome a uma quinta próxima do Colmeal da Torre (Belmonte) – tudo zonas de conhecida atividade mineira.

Estes topónimos são também abundantes na área montanhosa e mineira de Teleno (El Bierzo, León), como Los Llavalluelos, Llavallo (carta 230-1) e Llastra de las Lavanderas (carta 192-1), com o mesmo sentido semântico associado à mineração aluvionar.

5. Uma nova proposta para a origem do nome do rio Côa

A profícua reflexão sobre alguns hidrónimos sugestivos nas áreas de maior tradição mineira levou-nos também a indagar sobre a origem etimológica do principal curso de água que define toda esta bacia - o Côa.

Este rio inicia o seu percurso a 1060 metros de altura, na encosta setentrional da Serra das Mesas (próximo da fronteira com Espanha), e percorre 138 km desde a nascente até desembocadura no Douro, próximo de Foz Côa, a 180 m de altitude (Marques, 1935-36: 38). À semelhança de outros grandes rios próximos, o Côa deixa a montanha correndo para norte, condicionado pela primitiva direção de drenagem do sulco tectónico preexistente (Ferreira, 1978: 63). O tramo superior desta bacia apresenta uma formação de tipo dentrítico, bastante ramificada, pela disposição dos afluentes afunilados para norte, desaguando no Côa praticamente no mesmo ponto geográfico (Osório, 2006: 25-26). Inicialmente, o curso de água corre pela xistosidade da Cordilheira Central de forma pouco expressiva, sendo até chamado apenas de ribeira (Jorge, 1990: 98), mas a partir do Sabugal entra no substrato granítico e ganha vigor, passando o seu vale a ser mais marcante na paisagem.

O rio tem um regime irregular, dada a variação de caudal durante o ano, sendo naturalmente fraco nos meses de estio (há troços que secam no Verão) e torrencial na época de chuvas, especialmente em fevereiro (Marques, 1935: 409). Nessa altura, o rio exerce um destacável papel transportador com visível ação erosiva, pelo seu declive médio de 6,75 m/km, com grandes descidas e vários rápidos no percurso. O seu leito é constituído por grandes e grosseiros calhaus, sobretudo nas zonas de maior corrente, sendo mais areno-vasoso nos locais de menor hidrodinamismo (Pinto, 2013: 25).

5.1. *Cuda*>*Côa*

Já desde os finais do século XVI que se procura a origem etimológica do hidrónimo na palavra *Cuda*, tendo em conta a famosa citação de André de Resende: «*Cudam Lusitani Coam vocant*» (Resende, 1593; Leão, 1610: 38; Brito, 1690: 126-127 e 567; Jordão, 1859: LXII; Vasconcelos, 1905: 33; Correia, 1946: 13; Schulten, 1963: 83; Cintra, 1984: XXXIII).

Mas *Cuda* não é um termo conhecido nas fontes clássicas ou epigráficas latinas (Vasconcelos, 1905: 33), apenas é deduzido a partir do etnónimo *Lancienses Transcudani* registado em alguma epigrafia romana, especialmente na listagem de povos da Província da Lusitânia que contribuíram para a construção da Ponte de Alcântara (Cáceres), que residiriam na região entre o Zêzere e o Águeda, na vizinhança dos *Lancienses Oppidani* (Alarcão, 1988: 47). Sendo *Transcudani* um adjetivo composto pelo prefixo *trans-* de origem latina (= ‘para além de’), então a palavra *cuda* denominaria uma referência geográfica importante “para além da qual” se localizaria esta comunidade populacional: talvez uma linha de água¹⁹ ou um acidente orográfico (Osório, 2006: 41).

Desconhece-se o seu exato significado etimológico, embora tenham sido feitas algumas tentativas pouco assertivas. José Pedro Machado, por exemplo, propôs uma evolução a partir da expressão indo-europeia *kut*, que quer dizer javali, ou no termo basco *kuto*, que se refere ao porco (Machado, 1993: 478, voc. ‘cuda’). Maria de Lourdes Albertos indica também uma génese indo-europeia, mas tendo por base *kudos*, com o significado de ‘fama’ (Albertos Firmat, 1966: 100). Ambas hipóteses são pouco esclarecedoras e muito difíceis de demonstrar.

No nosso entender, todavia, não seria displicente considerar que *cuda* fosse igualmente uma palavra de formação latina, e não necessariamente indígena, equivalendo nessa língua a *coda* com o sentido de ‘cauda’ (Torrinha, 1942: 158).

5.2. *Cola*>*Côa*

Alguns investigadores expressaram a sua discordância da conexão etimológica enunciada entre o radical *cuda* e *Côa* (Vaz, 1986: 456; Curado, 1988-94: 216), salientando principalmente o facto de este rio aparecer designado em documentação medieval como *Cola* (Sá, 1956: 293 e 304; Curado, 1988-94: 224).

São os forais dos séculos XII e XIII que melhor dão testemunho desta antiga denominação fluvial, ora conservando o “L”, ora com a síncope da consoante intervocálica (além da variante em acusativo «*ad Coam*»), conforme se observa no Quadro 3.

Ano	Documento	Referência latina	Denomin.	Bibliografia
1145	Foral de Longroiva (Mêda), por D. Fernão Mendes de Bragança	« <i>fluvium, qui vocatur Coa</i> »	<i>coa</i>	Viterbo, 1798: 188; Machado, 1993: 427, voc. 'Côa'
1182	Foral de Urros (Torre de Moncorvo), por Afonso Henriques	« <i>foz de cola</i> »	<i>cola</i>	PMH: 424; Machado, 1993: 427, voc. 'Côa'
1186	Foral da Covilhã, por D. Sancho I	« <i>inde per bouem quomodo currit ad Coam</i> »	<i>coam</i>	PMH: 459
1199	Foral da Guarda, por D. Sancho I	« <i>In primo de coa...</i> »	<i>coa</i>	PMH: 511
1209	Foral de Pinhel, por D. Sancho I	« <i>intrat in mozeimi in cola</i> »	<i>cola</i>	PMH: 543
1209	Foral de Castelo Rodrigo, por D. Afonso IX de Leão	« <i>de porto de carros per coa</i> »	<i>coa</i>	PMH: 849
1220	Foral de Vila do Touro (Sabugal), por D. Pedro Alvites	« <i>riolum de cola</i> »	<i>cola</i>	PMH: 587; Correia, 1946: 292; Curado, 1988-94: 216
1209-1226	Foros e costumes de Alfaiates por D. Afonso IX de Leão	« <i>Qvi fur a cola</i> »	<i>cola</i>	PMH: 845
1227	Foral de Vilar Maior, por D. Afonso IX de Leão	« <i>et intrat in Coa</i> »	<i>coa</i>	Nogueira, 1983: 39
1228-1229	Foral de Sortelha, por D. Sancho II	« <i>et fluuius de boi quomodo intrat in coa</i> »	<i>coa</i>	PMH: 610
1229	Foral de Castelo Mendo, por D. Sancho II	« <i>et quomodo intrat Vallongum in Coam</i> »	<i>coam</i>	PMH: 612

Quadro 3. Referências ao rio Côa na documentação medieval.

Na análise destas 11 referências documentais verificamos que as duas denominações fluviais eram usadas em simultâneo, independentemente da localização geográfica, cronologia, nação ou reinado. Apenas o idioma do copista justificaria esta alternância, dado que a atual palavra 'côa' resulta do «fenómeno exclusivamente galego-português» da perda do "L" em posição intervocálica, comum em várias outras palavras (Cintra, 1984: 259), que equivale à forma asturo-leonesa *cola*.

A que período histórico recuará a designação *Cola*? A sua cronologia mais antiga atestada é de 1182, coincidindo com o repovoamento das terras a sul do Douro. Convém lembrar que o rio começa a aparecer citado na documentação medieval numa altura em que ele constituía a extrema entre os reinos de Portugal e de Leão, e assim foi até ao final do séc. XIII (Osório, 2014: 101), e consequentemente estabelecia a ténue demarcação entre falantes de língua galaico-portuguesa e asturo-leonesa.

Jorge de Alarcão defendeu que o termo poderá recuar ao período romano (2000: 169; 2001: 297), pois os etnónimos *Coilarni* e *Coelerni*, encontrados em alguns textos epigráficos (ILER 1084), têm sido relacionados com esta primitiva denominação do rio (Sá, 1956: 292-293) e também se alega a possibilidade da primitiva paróquia dos Suevos, de nome *Coleia*, ficar localizada junto ao Côa (Curado, 1988-94: 216; Alarcão, 2000: 169). Assim, é possível que a designação recuasse à época romana, perdurando até ao período de formação da nacionalidade e dos respetivos concelhos medievais no séc. XIII.

Agora, sabendo que *cola* foi o nome dado ao rio por alguns indivíduos de falar leonês, pelo menos em época medieval, ela provém também da palavra latina *coda*, com o significado de ‘cauda’, dado que a alternância da letra “D” com a “L” é possível e permite a dupla leitura (Corominas e Pascual, 1984: 132), e porque o termo ‘cola’ em língua castelhana atual equivale à ‘cauda’ portuguesa (Silva, 1789: 285; DLP: 861; Berganza, 1721: 688).

5.3. Côa=Cúa

Contudo, alguns autores consideram a *Cola* dos documentos medievais como um falso latinismo (Machado, 1993: 427, voc. ‘Côa’)²⁰, um exemplo de ultracorreção no restabelecimento do “L” em palavras em que este tinha caído (Cintra, 1984: 262 e 265) ou até mesmo uma «falsa reconstituição etimológica, muito frequente neste período, decorrente da busca de uma forma latina antecessora de um topónimo coevo» (Guerra, 2007:173).

Sendo assim, se Côa não deriva indiretamente de *coda*, através de *cola* (Cintra, 1984: 259), então a palavra procede diretamente de *cuda/coda* e nunca evoluiu daquela, mas são ambas divagações fonéticas paralelas e posteriores.

É aqui que entra o interessante paralelo do rio Cúa (El Bierzo, León): um dos maiores afluentes do mencionado rio Sil, que nasce em Campo de la Pesca, na parte norte da Comarca del Bierzo (na fronteira com a Galiza), uma zona mineira por excelência, próxima das minas romanas de Las Médulas²¹. Este rio tem uma etimologia idêntica ao Côa, mas não provém seguramente de *cola*, tendo-se formado pela abreviação de *cuda*.

A provar-se esta hipótese, este paralelo hidronímico galego demonstra que *cuda* se aplica sempre a um curso fluvial e provavelmente nunca a um orónimo²². Aliás, *cuda* não poderia referir-se na nossa região à serra das Mesas/Malcata, porque toda a cordilheira era evocada como *Salama* entre a Antiguidade e a Época Medieval (Osório, 2012: 60), perdurando hoje esta denominação apenas na elevada montanha espanhola de Jálama (San Martín de Trevejo, Cáceres), por nós chamada de Xalma.

Ambos os rios podem ter sido designados desde o período romano como *coda/cuda*²³, mas em galaico-português evoluíram para *côa/cúa*, enquanto em asturo-leonês o topónimo derivou para *cola*, pelo eruditismo de alguns copistas na conversão da expressão popular. Não obstante, todas as variantes *cola*, *côa*, *cúa* ou *cuda*, possuem o mesmo significado etimológico de ‘cauda’ ou de algum conceito próximo.



Figura 12 - Uma perspetiva da corta mineira do Alcambar (Quadrazais).

5.4. ‘Cola’ na terminologia da engenharia ambiental e mineira

A compreensão semântica do motivo pelo qual o nome do Côa se associa direta ou indiretamente à ideia de ‘cauda’ e porquê se terá utilizado esse termo como apelido fluvial é que nos oferece maiores interrogações, mesmo sabendo que existe o conceito de ‘caudal’ aplicado aos cursos de água na terminologia geográfica.

Mas, para isso, centremo-nos apenas na ‘cola’ asturo-leonesa, atribuída ao rio nos séculos XII e XIII, que é um vocábulo ainda empregue atualmente na língua castelhana. Embora o termo signifique “traseiro”, “extremidade” ou “fila” (DLE, 2014: “cola”), não pretendemos de novo remeter para a conotação de ‘porco’ ou ‘porcaria’, recorrente na hidronímia desta região, pois existem outros sentidos próximos, como “material viscoso e adesivo” ou “ato de passar um líquido por um filtro” (Corominas e Pascual, 1984: 132; DLE, 2014: “cola”), bem como as sugestivas aceções de “algo que fica para trás” ou “que se arrasta longamente”, que também são apropriadas para um curso de água.

Decidimos investigar a fundo outras aplicações atuais do termo ‘cola’ na língua castelhana e identificámos no léxico da engenharia ambiental e mineira uma magnífica hipótese explicativa que, apesar da distância temporal, poderá esclarecer o emprego deste vocábulo na

Idade Média. Sendo esta uma região de comprovada tradição mineira, o principal curso de água condutor dos efluentes procedentes das várias ribeiras que rasgam as encostas da Malcata poderia ter sido designado por um termo conotado com as singularidades ambientais dessa atividade económica.

No processo de extração e no consequente tratamento do mineral sobram determinados detritos sólidos e líquidos decorrentes dos processos de lavagem e decantação de minérios que podem ser rejeitados ou reutilizados (Sánchez-Palencia e Pérez García, 2005: 276). Estes resíduos são evacuados para os cursos de água adjacentes, gerando visível contaminação pela sua consistência e coloração, ou permanecem em charcas, poças e aluviões aquíferos durante largos períodos de tempo.

Na terminologia portuguesa dos estudos mineiros e ambientais recorre-se aos termos ‘lamas’, ‘derrames’ e ‘efluentes’ para designar os resíduos líquidos procedentes da atividade mineira (Roque, 2009: 66, 89-92). Em Espanha utiliza-se a expressão equivalente ‘*relave*’ (=voltar a lavar), que o glossário de termos mineiros e ambientais de uso comum na América Latina e na Península Ibérica (ASGMI, 2010: 2) define como «mezcla de agua y residuos finos resultantes de procesos de lixiviación y concentración de minerales»²⁴.

No léxico dos países hispânicos da América do Sul, para nomear estes mesmos relaves ou resíduos líquidos que contaminam as águas fluviais, ainda hoje se emprega o sinónimo ‘cola’ (Cantero *et alii*, 2015: 25-25), que entretanto se perdeu na Península Ibérica por ser um arcaísmo anterior ao séc. XVI²⁵. O sentido primário do termo estará indiretamente relacionado com ‘cauda’, dado que em inglês se adota a palavra equivalente «*tailings*» (tail= cauda²⁶) para esses mesmos resíduos aquíferos da mineração que sobram nos locais de exploração (Grangeia *et alii*, 2011: 361; Olías e Nieto, 2015: 310). Os próprios canais de evacuação de lamas e estéreis também podem ser designados como ‘colas de lavado’ (García Pulido *et alii*, 2008: 315).

Paralelamente, as expressões ‘colada’, ‘escolada’ ou ‘escoada’ são também empregues em linguagem geomineira portuguesa e castelhana (traduzidas em inglês por ‘*flow*’), designando igualmente as escorrências naturais ou antrópicas observadas no meio natural como produto da erosão, diferenciando-se entre coladas de barro (*mud-flow*) e coladas de detritos (*debris-flow*), que se caracterizam «por su elevada viscosidad y densidad» (Fernández Caballero, 1994: 153).

É justificável que surjam nesta região outros topónimos de significado igualmente desconhecido, e de origem arcaica, nas proximidades das concessões mineiras dos séculos XIX e XX, com esta raiz *cola*, como a Quinta das Escoladas (freguesia da Vela, Guarda), a ribeira das Colesmas (Fóios, Sabugal) e o sítio da Colancana (Nave, Sabugal)²⁷.

Outro interessante termo empregue ainda hoje na mineração e na engenharia ambiental, com este mesmo radical, é a ‘percolação’ (Roque, 2009: 154), que é definida como a ação de dissolução das rochas e de arrastamento do material dissolvido e dos constituintes do solo pela água (DLP 2289).

Assim, entre as conotações derivadas de ‘cola’ ou ‘cauda’, adivinham-se outras possibilidades como a ideia de resíduos sobranes e desprezáveis, que são rejeitados e ficam para trás depois de uma seleção e filtragem, sendo posteriormente arrastados pela água, deixando um rasto de sujidade pela corrente aquífera.

É, pois, nesta correlação semântica com a terminologia empregue na engenharia ambiental e minas que se pode encontrar a solução explicativa para a origem do nome do rio Côa: a designação dada a uma linha de água onde vastos derrames aquíferos poluentes, rejeitados durante a atividade mineira desenrolada em época romana, causaram assinaláveis danos ambientais que se perpetuaram na paisagem.

A suposição etimológica é confirmada pela investigação histórica pois são inúmeras as ribeiras tributárias, nos primeiros 40 km de percurso, que aumentam o caudal aquífero contaminado do Côa, por provirem de zonas de antiga extração de minério onde estão assinaladas covas e cortas em jazidas primárias (Fig. 12), (de onde se retirou ouro, prata e estanho em tempos passados), como a ribeira das Colesmas (Fóios), a ribeira da Porqueira e a ribeira da Marrã (Malcata), o ribeiro das Lamas (Sabugal), a ribeira da Paiã (Aldeia de Santo António) e o ribeiro do Boi (Vila do Touro). Os próprios aluviões do Côa foram intensamente revolvidos em determinados troços do curso fluvial para exploração das jazidas secundárias, em Vale de Espinho, em Quadrazais, no Sabugal, em Vale das Éguas ou em Porto de Ovelha.

5.5. Considerações finais

Não temos muita informação sobre a extensão e impacto da extração mineira em época medieval (Barroca, 1988: 211; Duarte, 1995: 82) e, por isso, não podemos asseverar que, por essa altura, o curso fluvial tivesse ganho o nome ligado a esta atividade, mas a pujança da atividade mineira durante a conquista e domínio romano terá sido devastadora e certamente deixou consequências que perduraram ao longo do tempo.

Um exemplo do impacto onomástico atual desta atividade da Antiguidade Clássica é detetável na palavra ‘goga’ utilizada especialmente nesta região interior portuguesa para denominar as pedras polidas dos rios. Ora, ela provém seguramente do termo *agogae* utilizado por Plínio (*Naturalis Historia* XXXIII:76 *apud* Pérez González e Matías Rodríguez, 2008: 55, nota 38) para denominar os canais de lavagem dos desmontes mineiros onde se separava o material aurífero do cascalho e dos estéreis finos (Sánchez-Palencia e Pérez García, 2005: 275). Com o desaparecimento dessas primitivas estruturas de

madeira apenas restavam os concentrados anómalos de pedra rolada que mantiveram a mesma designação na memória popular e daí foi extrapolada a designação, até à atualidade, para todo o restante tipo de pedras roladas.

Por isso, a elevada probabilidade do hidrónimo recuar ao período romano, em resultado da exploração mineira, leva-nos a rejeitar a sua origem indígena. O rio poderá ter adquirido o nome na atividade desenvolvida em cronologias antigas, em torno da transição de Eras, altura em que o Imperio Romano tinha necessidade de obter diversos metais para sustentar a sua máquina de guerra na conquista peninsular (*Idem*: 285). Somente mais tarde este vocábulo fluvial terá dado origem ao etnónimo *Transcudani*, apelido atribuído pelos romanos a um grupo populacional específico dos *Lancienses*, durante a organização administrativa desta região, pouco antes da construção da ponte de Trajano (séc. II) em Alcântara (Cáceres) (Alarcão, 1998: 146; Osório, 2006: 47).

Esta nova proposta etimológica para o nome do rio Côa resulta do estudo e registo dos surpreendentes vestígios da atividade mineira preservados neste território e do grande volume de explorações identificadas no seu vale superior, onde se constata a presença de abundante toponímia em referência ao forte impacto ambiental da primitiva extração mineira.

Sendo a hidronímia a mais afetada, e a que melhor conservou essa memória, é admissível que a elevada contaminação das águas provenientes destas frentes de trabalho tivesse inspirado a designação do rio. É nesta realidade marcante e suficientemente distintiva do curso fluvial que a hipótese ‘cola’ encaixa, podendo recuar com este mesmo sentido ao vocábulo original romano, de onde derivou.

E se o impacto que essa atividade económica romana teve na região não é hoje possível de avaliar, à luz dos conhecimentos e ferramentas que possuímos, ele foi suficientemente visível para originar uma referência oral na população que jamais se apagou até à formação dos municípios medievais. O vocábulo perdeu, entretanto, parte do seu valor semântico nos léxicos peninsulares, especialmente na variante galaico-portuguesa, perdurando o conceito apenas na América do Sul e, por tradução direta, na língua anglo-saxónica.

Estamos certos que existem aspetos controversos nesta nova leitura etimológica do nome do rio Côa e na restante toponímia do Alto Côa aqui apresentada, pois faltam-nos mais elementos para ampliar e complementar as nossas propostas, mas ela constitui o ponto de partida para uma nova compreensão histórica desta região durante a presença romana, numa perspetiva pouco valorizada anteriormente e que, afinal de contas, irá auxiliar na visão que passaremos a ter sobre os povos que aqui residiram na longa diacronia e as suas principais atividades económicas.

Notas

- (1) Neste processo deparámo-nos com várias situações inesperadas que dificultaram a identificação dos locais, especialmente quando apareciam com denominações duplicadas (consoante a proveniência e origem do indivíduo que registou a mina), quando a toponímia foi incorretamente registada nos livros ou por erros de transcrição paleográfica no levantamento arquivístico.
- (2) Devemos ressaltar que estes dados se baseiam apenas nas diferentes entradas por toponímia, sem a confirmação total dos registos no terreno, e neste âmbito poderão existir por vezes discrepâncias quantitativas com o número real de explorações.
- (3) Usaremos neste texto os termos “área mineira” ou “frente de exploração”, sabendo que uma área mineira pode ter várias frentes de exploração.
- (4) Em abono deste pressuposto estão alguns achados esporádicos de artefactos arqueológicos proto-históricos e romanos em trabalhos mineiros dos séculos XIX e XX, como por exemplo o machado da Idade do Bronze Final encontrado no interior de uma galeria da mina de Vale de Arca (Quarta-feira, Sabugal) (Vilaça, 1998: 351; Osório, 2012: 27) ou o machado plano de cobre proto-histórico encontrado a 2 m de profundidade, quando se procedia à extração de estanho de aluvião no Cabeço da Quinta das Flores (Vela, Guarda) (Cardoso, 1959).
- (5) Cartografia 1:25000 das áreas mineiras das Médulas-Teleno-Maragatería (León Espanha): cartas n.ºs 192-1, 192-2, 192-3 e 192-4.
- (6) Uma forma rápida de contabilizar e localizar ocorrências toponímicas registadas na cartografia nacional do exército é o visualizador de informação geográfica CIGeOE-SIG, onde fizemos várias pesquisas no âmbito deste trabalho.
- (7) Neste sentido incluem-se os inúmeros Codeços/Codessos, Arroyo de Codesal, Codeços, Casa do Codeçal, Codeçal, com paralelos na serra de Teleno (El Bierzo, León), que derivam da planta *cytisus*>codeso, mas que se revestem de várias interrogações sobre o seu verdadeiro significado etimológico.
- (8) Não era invulgar a utilização de processos distintos na mesma frente de exploração. No concelho do Sabugal há registos de licenças para extrair distintos minérios na mesma área mineira.
- (9) Foi feito um teste de despistagem casual na região de Valladolid, seguindo o topónimo ‘Las Batuecas’ (que aí surge duas vezes), tendo sido surpreendente a constatação dos mesmos grupos toponímicos, numa zona onde não era por nós conhecida por qualquer apetência mineira, mas que afinal detém uma particular incidência da mineração de gesso.
- (10) Aqui também são assinaladas explorações mineiras de wolframite e estanho (Merideth, 1998: 72).
- (11) No registo camarário de licenças mineiras foi autorizada, em 1950, a exploração de urânio, torbernite e autonite numa mina com a denominação de Ruivós, a menos de 1 km do vértice geodésico do São Cornélio (Sortelha), ainda não identificada no terreno.
- (12) O mesmo sucedeu na confluência da bacia superior do rio Bazágueda com a da ribeira da Meimoa, cujos cursos de água tributários mudaram bruscamente de percurso de um sistema hídrico para o outro, exercendo o papel de condutores de água na grande frente mineira do Covão do Urso e da Presa (Meimoa, Penamacor). Uma vez mais, os geógrafos apresentam explicações para o fenómeno na captura fluvial (Ribeiro, 1951: 276), mas aqui estamos perante comprovadas ações mineiras de grande volume que desviaram os cursos de água (Sánchez-Palencia e Pérez García, 2005: 271-272). Existem outros casos na área estudada que também merecem uma análise atenta, como o tramo inicial da ribeira de Tourões, na proximidade das Batocas, que poderia correr primitivamente para a ribeira de Nave de Haver/ribeira das Batocas, nos trabalhos de desmonte das vertentes que aí se deram em época romana.
- (13) De tal forma se perpetuou o impacto da mineração romana nos cursos de água desta zona que nas memórias paroquiais do Casteleiro, de 1758, é referido que

- esta “presa” servia água ao lugar da Torre dos Namorados (Fundão), onde existem os restos de um importante *vicus* romano na base da Gardunha: «*e a agoa desta preza se conta a queriam em o tempo antigo levar por canos aonde chama a Torre dos Namorados, distante della quatro ou sinco legoas*» (Jorge, 1990: 51).
- (14) A propósito do impacto da coloração dos veios metalíferos ver Domergue, 1990: 10.
- (15) A tradição popular refere que aí se fazia tinturaria de têxteis, mas nas memórias paroquiais do Casteleiro de 1758, já o pároco local desconhecia a sua origem e funcionalidade, conforme afirma que «*algum dia teve também hum tinte, porem hoje se acha demolido*» (Jorge, 1993: 53).
- (16) O exemplo mais evidente desta aplicação toponímica são as referências documentais de época medieval a um *fiuvium merdarii* na zona de Guimarães, que o etimologista interpreta como uma referência a um ‘rio de lamas’ (Piel, 1945: 329).
- (17) São citados como limites do termo municipal nos forais de *Centum Cellas* (1194) (PMH: 488), de Belmonte (1199) (PMH: 507) e de Vale Florido (PMH: 675) e em outros variados documentos do Cabido da Sé de Coimbra, referentes a herdades a oriente de Belmonte (Fernandes, 1999: 389; Marques, 2001: 68, 69 e 83).
- (18) Embora haja referência a um documento de 1265 que atribui este nome à ribeira da Bendada, afluente da ribeira da Quarta-Feira, como já foi proposto (Curado, 2006), o facto é que ainda hoje persiste o topónimo Novacolhos entre a Bendada e Sortelha (carta militar n.º 225 da década de 70), no vale da ribeira da Quarta-feira, nas proximidades das Caldeirinhas (Marques, 2001: 69). E temos ainda o registo no arquivo municipal da licença de uma mina em Lavalcolhos, ainda na freguesia de Sortelha (LRM, livro 1, p. 10).
- (19) Tem sido defendido que os habitantes de uma das margens do Côa chamavam-se *cudanos*, enquanto se denominavam *transcudanos* os que habitavam na outra (Afonso, 1985: 1, nota 1; Correia, 1946: 13; Cabral, 1962: 721), embora os autores não se entendam em que margem ficariam os *Lancienses Transcudani*: na margem direita (Cortez, 1953: 506; Almeida, 1956: 232; Hurtado de San António, 1976: 614; Melena, 1985: 511, fig. 15) ou na margem esquerda (Blanco Freijeiro, 1977: 36; Vaz, 1986: 456; Alarcão, 1988: 41). Não é este o local para discutirmos de novo esta problemática.
- (20) A palavra não vem, por exemplo, no Dicionário de Latim-Português de Francisco Torrinha, mas apenas o termo semelhante ‘*colatura*’, com significado de fezes, resíduo líquido coado, filtração e coadura (1942: 161).
- (21) No vale superior deste curso de água também se identificam topónimos como os que aqui registámos, associados ao provável impacto da atividade mineira nos terrenos e nos cursos de água, como Penal del Porco, Pan Porco, Peña Porquera e Collao.
- (22) Não obstante ser frequente confundir-se o nome dos rios com o local onde nasceram, como aconteceu com a serra da Gata e o rio Águeda (= *Agata*) ou com o rio Ocreza/serra da Ucreza (Alarcão, 2012: 126).
- (23) A raiz *coda* não é estranha a vários topónimos associados a mineração, como as concheiras da Ribeira de Codes (Batata, 2006: 104) ou a mina de Meixedo de Codeçoso (Montalegre: Martins, 2010).
- (24) Outras publicações acrescentam: «partículas de mineral que el agua del lave arrastra y mezcla con el barro estéril, y que para ser aprovechadas necesitan un nuevo lave» (DLE, 2014: “relave”). «Las lamas se recojen en grandes pozas; el relavillo, como más pesado, se va quedando en la acequia por donde corren à las pozas. El relave es el metal más grueso (...) y es como arena muy limpia y lavada» (Jiménez de la Espada, 1885: 155; Cejador y Frauca, 1910: 56).
- (25) Segundo o Glosario Técnico Minero de Colômbia designa-se por «cola» o material resultante de «procesos de lixiviación y concentración de minerales que contiene muy poco metal valioso que pueden ser nuevamente tratados o desechados» (GTM: 33).

- (26) Na obra *De re metallica* de Georgius Agricola (séc. XVI) é indicado que um veio metalífero (*vena profunda*) tem sempre a cabeça do veio (*caput*) e um remate final (*cauda*), sendo a primeira, a parte que emerge à superfície, e a segunda, a extremidade que fica enterrada no subsolo (1556: 68).
- (27) Tal como o termo ‘lama’ que em asturo-leonês se redige ‘llama’ (Piel, 1945: 312), também ‘cola’ parece ter-se desenvolvido em ‘colla’. Na região de Teleno (El Bierzo, León) são abundantes os topónimos ‘collada’ que se utilizam mais como referência a uma apertada passagem de montanha (DLE, 2014: ‘colada’). Nesta variante da aplicação do termo ‘cola’ parece depreender-se o conceito de zona apertada que obriga (os animais) a ‘circularem em fila’.

Bibliografia:

- AFONSO, Virgílio (1985) - *Sabugal. Terra e gentes (apontamentos de história e paisagem da região)*, Lisboa.
- AGRICOLA, Georgius (1556) - *De re metallica*. Tradução de Herbert Clark Hoover e Lou Henry Hoover. 1950. Nova Iorque: Dover Publications.
- ALARCÃO, Jorge de (1988) - *O Domínio Romano em Portugal*. Mem Martins.
- ALARCÃO, Jorge de (1998) - On the civitates mentioned in the inscription on the bridge at Alcântara, *Journal of Iberian Archaeology*, Porto, o, p. 143-157.
- ALARCÃO, Jorge de (2000) - Os nomes de algumas povoações romanas da parte portuguesa da Lusitânia. In: Jean-Gérard Gorges e Trinidad Nogales Basarrate (coord.) - *Sociedad y cultura en la Lusitania romana: IV Mesa Redonda Internacional*. Mérida, p. 165-172.
- ALARCÃO, Jorge de (2001) - Novas perspectivas sobre os Lusitanos (e outros mundos), *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 4:2, p. 293-349.
- ALARCÃO, Jorge de (2012) - Notas de arqueologia, epigrafia e toponímia – VI, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Lisboa, 15, p. 113-137.
- ALBERTOS FIRMAT, M. de Lourdes (1966) - *La Onomástica personal primitiva de Hispania: Tarraconense y Bética*. Salamanca: Consejo Superior de Investigaciones Científicas [Theses et studia philologica salmanticensia; 13].
- ALLAN, John C. (1965) – A mineração em Portugal na Antiguidade, *Boletim de Minas*, Lisboa, 2:3, p. 137-175.
- ALMEIDA, Fernando de (1956) - *Egitânia. História e Arqueologia*. Lisboa: Universidade.
- ALVES, Pedro; MILLS, Stuart (2013) - Nuevos datos sobre los fosfatos de Bendada, Sabugal (Portugal), *Acopios*, 4, p. 349-377.
- ASGMI = Asociación de Servicios de Geología y Minería Iberoamericanos (2010) - *Pasivos ambientales mineros. Manual para el inventario de minas abandonadas o paralizadas*. Barquisimeto, Venezuela. http://www.asgmi.org/wp-content/uploads/2013/02/Manual_Inventario_PAM_Completo.pdf. Acesso em fevereiro (2018).
- BARROCA, Mário Jorge (1988) - Ferrarias medievais do norte de Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, Porto, 28, p. 211-241.
- BARRIOS, Santos; FLORIDO, Pedro; RIVAS, Alberto (2010) – Aportaciones para una guía de la minería de oro romana del norte de Extremadura. In Pedro Florido e Isabel Rábano – *Una visión multidisciplinar del patrimonio geológico y minero*. Madrid [Cuadernos del Museo Geominero; 12], p. 227-244.

- BATATA, Carlos António M. (2006) - Idade do Ferro e romanização entre os rios Zêzere, Tejo e Ocreza, *Trabalhos de Arqueologia*. Lisboa, 46.
- BERGANZA, Francisco (1721) - *Vocablos del idioma vulgar, que se hallan en las historias y escrituras antiguas*. Madrid. Francisco del Hierro, p. 688.
- BLANCO FREIJEIRO, Antonio (1977) - *El puente de Alcantara en su contexto histórico*. Discurso del ingreso lido en sesión solemne celebrada en el 23 del Enero, 1977. Madrid: Real Academia de la Historia.
- BRITO, Bernardo de (1690) - *Monarchia Lusytana*. I. Lisboa.
- CABRAL, A. Dinis (1962) - Riba Côa, Riba de Côa ou Raia, *Beira Alta*, Viseu, 2^a Série, 21:3-4, p. 719-725.
- CANTERO, Mónica C.; RHENALS, Vanina I.; MORENO, Argemiro J. (2015) - Determinación de la degradación de suelos por minería aurífera aluvial en la ribera del Río San Pedro, Puerto Libertador, Córdoba, Colombia, *Revista Ingeniería e Innovación*, Córdoba. 3:1, p. 18-31.
- CARDOSO, João; GUERRA, Amílcar; FABIÃO, Carlos (2011) - *Alguns aspectos da mineração romana na Estremadura e Alto Alentejo. Lucius Cornelius Bocchus: Escritor Lusitano da Idade de Prata da Literatura Latina*. Lisboa-Madrid: Academia Portuguesa da História/Real Academia de la Historia, p. 169-189.
- CARDOSO, Luciano (1959) - Machado plano de Bronze, *Conimbriga*, Coimbra. 1, p. 122-123.
- CARVALHO, Adalberto Dias de (1979) - Breves referências sobre jazigos auríferos portugueses, *Boletim de Minas*, Lisboa, 16:3-4, p. 139-150.
- CEJADOR Y FRAUCA, Julio (1910) - *Tesoro de la lengua castellana. Origen y vida del lenguaje: lo que dicen las palabras*. Vol. 4. Madrid: Perlado, Paez y Comp^a.
- CHEVALLIER, Raymond (1976) - Le paysage palimpseste de l'Histoire. Pour une archéologie du paysage. In *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 12. Paris: Picard, p. 503-510.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1984) - *A linguagem dos foros de Castelo Rodrigo*. 2^a ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- CIGeOE-SIG = Centro de Informação Geoespacial do Exército
- CLAMOTE, Vítor (2011) - *O desnivelamento entre a superfície da Meseta e as superfícies abatidas da Beira Baixa. Compreensão geomorfológica da sua evolução*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física, Ambiente e Ordenamento do Território da FLUC, Coimbra.
- COCA TAMAME, Ignacio (1993) - *Toponimia de la Ribera de Cañedo: Provincia de Salamanca*. Diputación Provincial de Salamanca.
- COROMINAS, Joan, PASCUAL, José (1984) - *Diccionario Crítico Etimológico Castellano y Hispánico*. Vol. 2. Madrid: Editorial Gredos.
- CORREIA, Joaquim Manuel (1946) - *Terras de Riba-Côa. Memórias sobre o Concelho do Sabugal* (3^a ed. 1992). Sabugal: Câmara Municipal.
- CORTEZ, F. Russell (1953) - A localização dos Meidobrigenses, *Zephyrus*, Salamanca, 4, p. 503-506.
- CURADO, Fernando Patrício (1982) - A viação romana no concelho de Penamacor. Contribuição para o estudo da via de Mérida a Braga. In *Actas e Memórias do 1.º Colóquio de Arqueologia e História do Concelho de Penamacor*. Penamacor: Câmara Municipal, p. 83-98.
- CURADO, Fernando Patrício (1988-94) - A propósito de Conimbriga e Coniumbriga. In *Actas do 1.º Congresso Internacional sobre o rio*

- Douro, 25 de Abril-2 de Maio, 1986, [Gaya: 6]. Vila Nova de Gaia.
- CURADO, Fernando Patrício (1979) - Epigrafia das Beiras, *Conimbriga*, Coimbra. 18, p. 141-150.
- CURADO, Fernando Patrício (2006) - *Documentos do processo relativo à definição do limite administrativo entre os concelhos de Sabugal e Belmonte, no lugar dos Trigais*. Sabugal: Câmara Municipal.
- DLE = DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA. 23ª edição (2014). Madrid: Real Academia Española.
- DLP = DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA. Academia das Ciências de Lisboa. Vol. 1 e 2. Lisboa: Verbo.
- DOMERGUE, Claude (1990) - *Les Mines de la péninsule Ibérique dans l'Antiquité romaine* [Publications de l'École française, 127]. Rome.
- DUARTE, Luís Miguel (1995) - A actividade mineira em Portugal durante a Idade Média (tentativa de síntese), *Revista da Faculdade de Letras: História*, Porto, 12, série II, p. 75-112.
- FERNANDES, Almeida (1999) - *Toponímia portuguesa (exame a um dicionário)*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.
- FERNÁNDEZ CABALLERO, Dolores (1994) - *Estudio comparado de las rañas españolas*. Dissertação de Doutoramento da Universidad Complutense de Madrid.
- FERREIRA, António de Brum (1978) - *Planaltos e montanhas do norte da Beira*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos.
- FORTES, Mário L. Soares (2008) - *A gestão da água na paisagem romana do ocidente peninsular*. Tese de Doutoramento Faculdade de Geografia e História da Universidade de Santiago de Compostela.
- GARCÍA PULIDO, Luis José; ESCUELA DE ESTUDIOS ÁRABES (EEA), CSIC (2008) - Las explotaciones auríferas desarrolladas en la Bastetania y su relación con diversos oppida nucleares. *I^{er} Congreso Internacional de Arqueología Ibérica Bastetana*. Serie Varia, 9. Madrid, p. 301-318.
- GEPB = GRANDE ENCICLOPÉDIA PORTUGUESA E BRASILEIRA (1936-1960). Vol. 6, voc. «Côa», p. 996; vol. 7 «colo», «colada», «conho», p. 156-157 e 440; vol. 14, p. 752. Lisboa/Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia.
- GRANGEIA, Carlos; ÁVILA, Paula Freire; MATIAS, Manuel; SILVA, Eduardo Ferreira da (2011) - Mine tailings integrated investigations: The case of Rio tailings (Panasqueira Mine, Central Portugal), *Engineering Geology*, 123, p. 359-372.
- GRAÑEDA MIÑON, Paula; SÁEZ LARA, Fernando; GUTIÉRREZ FLEURIE, Sandra; MALALANA UREÑA, Antonio; MARTÍNEZ LILLO, Sergio (1994) - La minería medieval al Sur del Sistema Central: Madrid y su entorno. *I^{as} Jornadas sobre Minería y Tecnología en la Edad Media Peninsular*. León: Ed. Hullera Vasco-Leonesa, p. 240-273.
- GTM = GLOSARIO TÉCNICO MINERO (2003) - Ministerio de Minas y Energía. República de Colombia. Bogotá.
- GUERRA, Amílcar (2007) - Sobre o território e a sede dos Lancienses (Oppidani e Transcudani) e outras questões conexas, *Conimbriga*, Coimbra. 46, p. 161-206.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, José Avelino; ARGÜELLO MENÉNDEZ, José; LARRAZÁBAL GALARZA, Javier (1994) - Minería y metalurgia en torno a la Cordillera Cantábrica. Primeras evidencias arqueológicas y

- propuestas de estudio. *IV Congreso de Arqueología Medieval Española*. Vol. 3. Alicante, p. 905-917.
- HENRIQUES, Francisco; BATATA, Carlos; CHAMBINO, Mário; CANINAS, João Carlos; CUNHA, Pedro P. (1999) - Mineração aurífera antiga, a céu aberto, no centro e sul do distrito de Castelo Branco. *Actas do VI Simpósio sobre Mineração e Metalurgia Históricas no Sudoeste Europeu*, p. 2-29.
- HENRIQUES, Francisco; CANINAS, João Carlos; CARVALHO, Carlos Neto de; CHAMBINO, Mário (2016) Exploração aurífera antiga no rio Ponsul (Castelo Branco): novos dados. In VILAÇA, R. (coord.) *II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco*. Castelo Branco: SAMFTPJ, p. 307-324.
- HURTADO DE SAN ANTONIO, Ricardo (1976) - Identificación y localización de los municipios estipendiarios que sufragaron el puente romano de Alcántara, *Revista de Estudios Extremeños*, Badajoz. 32:2, p. 605-618.
- ILER = VIVES, José (1971) - Inscripciones Latinas de la España Romana. Barcelona.
- JIMÉNEZ DE LA ESPADA, Marcos (1885) - *Relaciones Geográficas de Indias, Peru*. Vol. 2. Tipografia de M. G. Hernández.
- JORGE, Carlos Gonçalves (1990) - *O concelho de Sabugal em 1758 - Memórias Paroquiais*. Forcalhos: Associação Recreativa e Cultural.
- JORGE, Carlos Gonçalves (1989) - *O concelho de Alfaiates em 1758 - Memórias Paroquiais*. Forcalhos: Associação Recreativa e Cultural.
- JORDÁ BORDEHORE, Luis; PUCHE RUIART, Octavio; MAZADIEGO MARTÍNEZ, Luis Felipe (2005) - *La minería de los metales e la metalurgia en Madrid (1427-1983)*. Publicaciones del Instituto Geológico y Minero de España [Série: recursos mineros, 7]. Madrid.
- JORDÃO, Levy Maria (1859) - *Portugalliae Inscriptiones Romanae*. Vol. I. Lisboa.
- LEÃO, Duarte Nunes de (1610) - *Descrição do Reino de Portugal*. Lisboa: Jorge Rodriguez.
- LE MOS, Francisco de Sande; REI, Lourenço (2000) - Mineração antiga na Serra da Malcata (Beira Interior). In FERREIRA, Maria do Céu [et al.] (eds.) - *Beira Interior: História e Património*. Guarda, p. 185-198.
- LRM = LIVROS DE REGISTO DE MINAS (1873-1985). Arquivo Municipal da Câmara Municipal do Sabugal. 31 vols.
- MACHADO, José Pedro (1981) - *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Vol. IV. Lisboa: Amigos do Livro Editores.
- MACHADO, José Pedro (1993) - *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*. Vol. I. Lisboa.
- MARQUES, Carlos Alberto (1935) - A bacia hidrográfica do Côa, *Biblos*, Coimbra, 11, p. 389-419.
- MARQUES, Manuel (2001) - *Concelho de Belmonte. Memória e História*. Belmonte: Câmara Municipal.
- MARTINS, Carla Braz (2008) - *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Braga: Universidade do Minho [Cadernos de Arqueologia. Monografias;14].
- MARTINS, Carla Braz (2010) - A mineração em época romana. In Carla Braz Martins (coord.) - *Mineração e povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental*. Porto: CITCEM, p. 107-120.

- MARTINS, Carla Braz; LEMOS, Francisco Sande (2011) - Explorações auríferas no Alto Douro Português (entre a foz do rio Tua e Barca de Alva). In *Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal*. DRCN, p. 293-315.
- MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto (2006). La Minería Aurífera Romana del Noroeste de Hispania: Ingeniería minera y gestión de las explotaciones auríferas romanas en la Sierra del Teleno. Nuevos Elementos de Ingeniería Romana. *Actas del III Congreso de las Obras Públicas Romanas, Astorga-León, Octubre de 2006*. Salamanca: Graficas Varona. p. 213-263.
- MATIAS RODRÍGUEZ, Roberto (2014) – La Minería del oro en el imperio romano y su puesta en valor. *1º Congresso sobre Mineração Romana em Valongo*. Valongo, p. 3-39.
- MELENA, José Luís (1985) - Salama, Jálama y la epigrafía latina del antiguo Corregimiento. In *Symbolae Ludovico Mitxelena septuagenário oblatae*. Vitoria/Gasteiz: Universidad del País Vasco (Anejos de Veleia; I), p. 475-530.
- MERIDETH, Craig (1998) - *An archaeometallurgical survey for ancient tin mines and smelting sites in Spain and Portugal. Mid-Central Western Iberian Geographical Region 1990–1995* [BAR International Series; 714], Oxford: Archaeopress.
- MORALEJO LASO, Abelardo (1980) - Notas acerca de hidronimia gallega, *Verba. Anuario Galego de Filoloxía*, Santiago de Compostela, 7, p. 157-170.
- NAVAZA BLANCO, Gonzalo (2006) - *Fitotoponimia galega*. A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza.
- NDHE = NUEVO DICCIONARIO HISTÓRICO DEL ESPAÑOL (2013) - Instituto de Investigación Rafael Lapesa de la Real Academia Española. <http://web.frl.es/CNDHE>.
- NOGUEIRA, José Artur Anes Duarte (1983) - A organização municipal da Extremadura Leonesa nos sécs. XII e XIII. Separata do *Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra*. Coimbra. 58:2, p. 3-59.
- NOGUEIRA, Miguel (2010) - Percurso metodológico para a implementação de um SIG em arqueologia mineira: Breves reflexões. In Carla Braz Martins (coord.) - *Mineração e povoamento na Antiguidade no Alto Trás-os-Montes Ocidental*. Porto: CITCEM, p. 179-187.
- NUNES, João Paulo Avelãs (2001-2002) – A Indústria mineira em Portugal Continental desde a consolidação do regime liberal ao I Plano de Fomento do Estado Novo (1832-1953). Um esboço de caracterização, *Revista Portuguesa de História*, Coimbra. 35, p. 421-464.
- OLÍAS, Manuel; NIETO José Miguel (2015) – Background conditions and mining pollution throughout history in the Río Tinto (SW Spain), *Environments*, Basel, 2, p. 295-316.
- OSÓRIO, Marcos (2006) - *O povoamento romano do Alto Côa* (Territoria; 1). Guarda: Câmara Municipal.
- OSÓRIO, Marcos (2010) - Sabugal Velho e Caria Talaia – duas morfologias de povoamento, a mesma cronologia, *Sabucale*, Sabugal, 2, p. 61-78.
- OSÓRIO, Marcos (2012) - *Sortelha: segredos por desvendar*. Sabugal: Sabugal+ e Câmara Municipal.
- OSÓRIO, Marcos (2016) - Fortificações, territórios e dinâmicas transfronteiriças no Alto Côa. In Raquel Vilaça (coord.) - *II Congresso Internacional de*

- Arqueologia da região de Castelo Branco*. Castelo Branco: SAMFTPJ, p. 93-112.
- PEIXOTO, José Pinto (1996) - *Miuzela – a Terra e as Gentes*. Miuzela.
- PEREIRA, Sara Margarida (2016) - Arquivo Municipal do Sabugal – a exploração de minas no concelho, *Sabucale*, Sabugal, 8, p. 135-140.
- PÉREZ GONZÁLEZ, Maurilio; MATÍAS RODRÍGUEZ, Roberto (2008) – Plinio y la minería aurífera romana: nueva traducción e interpretación de Plin.Nat.33.66-78, *Cuadernos de Filología Clásica*, Estudios Latinos. Madrid. 28:1, p. 43-58.
- PIEL, Joseph Maria (1945) - As águas na toponímia galaico-portuguesa, *Boletim de Filologia*, Lisboa. 8:1, p. 305-342.
- PINTO, Paulo Celso (2013) - *Concelho do Sabugal. Modelado granítico, paisagem e património geomorfológico*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- PMH = PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA a saeculo octavo post Christum usque ad quintum decim - Leges et Consuetudines (1863). Lisboa: Academia das Ciências. Vol. 1:3, 1:4, 1:5 e 1:6.
- RAMOS, João Farinha; OLIVEIRA, José Santos (1982) - Caracterização geoquímica de aplitopegmatitos litiníferos e estaníferos da região da Guarda, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 68, p. 47-54.
- RAMOS, João Farinha (2010) – Aplitopegmatitos com mineralizações de metais raros de Seixo Amarelo - Gonçalves. O recurso geológico. In: Coteló Neiva [et al.] eds. - *Ciências Geológicas: Ensino, Investigação e sua História*. Lisboa: APG, SGP. Vol. II, Cap. I, p. 121-130.
- RESENDE, André (1593) - *Libri quatuor De antiquitatibus Lusitaniae*. Évora: Martinus Burgensis.
- REVENGA TORRES, Pilar Díez de; PUCHE LORENZO, Miguel Ángel (2005-2006) - La Colección de voces usadas en la minería, edición y estudio de un manuscrito anónimo del siglo XIX, *Revista de Lexicografía*, A Coruña, 12, p. 65-120.
- RIBEIRO, Orlando (1951) - Três notas de Geomorfologia da Beira Baixa, *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, Lisboa, 32, p. 271-294.
- RIESCO CHUECA, Pascual (2013) - Testimonios toponímicos del léxico arcaico de las provincias leonesas, *Anuario 2011: Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo*, p. 135-216.
- RIESCO CHUECA, Pascual (2015) - De nuevo sobre el nombre de los maragatos: una revisión, *Argutorio*, Astorga, 33, ano 18, p. 59-67.
- ROCHA, Carlos de Abreu (2017) - *Etimologia dos hidrotopónimos de Portugal continental. História linguística de um território*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Histórica apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (1977) - *Monografia artística da Guarda*. Anadia.
- RODRIGUES, Adriano Vasco (1957) - *As ferrarias do Marmeleiro. Subsídios para o estudo da metalurgia na região da Guarda*. Guarda: Virgílio Afonso.
- ROQUE, Magda Cristina Rodrigues (2009) - *Estudos de caracterização de áreas mineiras degradadas. Proposta de metodologia com aplicação à área mineira de Santo António, Penedono*. Dissertação de Doutoramento

- em Geologia (especialidade em Geotecnia) apresentada à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- RTP = REPERTÓRIO TOPONIMICO DE PORTUGAL
– 01/03 CONTINENTE (CARTA 1/25.000)
Repertório Toponímico de Portugal - 03 Continente (carta 1/25.000). - Serviço Cartográfico do Exército: [s.n.], 1967.
- RUÍZ DEL ÁRBOL, María; SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier (1999) - La minería aurífera romana en el nordeste de Lusitânia: Las Cavenes de El Cabaço (Salamanca), *Archivo Español de Arqueología*, Madrid. 72: 179-180, p. 119-140.
- SÁ, Mário (1956) - *As grandes vias da Lusitânia. O itinerário de Antonino Pio*. 3. Lisboa.
- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier, FERNÁNDEZ-POSSE, M.^a Dolores, FERNÁNDEZ MANZANO, Julio, OREJAS, Almudena; PÉREZ, Luis Carlos, SASTRE, Inés (2000) - Las Médulas (León), un paisaje cultural Patrimonio de la Humanidad. Presentando el pasado. *Arqueología y Turismo Cultural* (número monográfico) [*Trabajos de Prehistoria*; 57:2]. Madrid, p. 195-208.
- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier; SASTRE, Inés (2002) - La red hidráulica en las minas de oro romanas del Noroeste hispano: Las Médulas. In González Tascón, I. (coord.) - *Artifex. Ingeniería romana en España* Madrid, p. 241-253.
- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier; PÉREZ GARCÍA, Luis Carlos (2005) - Minería romana de oro en las cuencas de los ríos Erges/Erjas y Bazagueda: La zona minera de Penamacor-Meimoa. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitania*. Guarda: ARA/CEI, p. 267-307.
- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier; BELTRÁN ORTEGA, Alejandro; ROMERO PERONA, Damián; CURRÁS REFOJOS, Brais X.; REHER DÍEZ, Guillermo; SASTRE PRATS, Inés (2012) - Zonas mineras y civitates del noreste de Portugal en el Alto Imperio (zona fronteriza con España de los distritos de Braganza y Castelo Branco). *Informes y Trabajos*. 9.
- SÁNCHEZ-PALENCIA, F. Javier; ROMERO PERONA, Damián; BELTRÁN ORTEGA, Alejandro; PECHARROMÁN FUENTE, Juan Luís (2017) - La minería antigua en el Valle del Tua. In Carvalho, Pedro C.; Coutinho, Luís Filipe; Marques, João Nuno (Coord.) - *Estudo Histórico e Etnológico do Vale do Tua. Aproveitamento hidroelétrico de Foz Tua. Concelhos de Alijó, Carrazeda de Ansiães, Mirandela, Murça e Vila Flor*. Vol. 3. Porto: EDP, p. 78-137.
- SCHULTEN, Adolf (1963) - *Geografía y Etnografía antiguas de la Península Ibérica*. Vol. II. Madrid.
- SCHWARZ, Samuel (1933) - Arqueologia Mineira. Extracto do relatório acerca das pesquisas de ouro no concelho de Idanha-a-Nova, *Boletim de Minas*, Lisboa. 1, p. 35-38.
- SILVA, António de Moraes (1789) - *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau. Reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Simão Thadeo Ferreira.
- SILVEIRA, Joaquim da (1937) - Toponímia portuguesa (esboços), *Revista Lusitana*, Lisboa, 33, p. 88-96.
- TADEU, Tiago Arrifano (2011) - *A Guarda durante a II Guerra Mundial*.

- Dissertação de Mestrado em História Económica e Social Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- TEIXEIRA, Carlos et alii (1963) - *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 18-C, 1/ 50 000, (Guarda)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TEIXEIRA, Carlos et alii (1965) - *Carta Geológica de Portugal. Notícia explicativa da folha 21-A, 1/ 50 000, (Sabugal)*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- THADEU, Décio (1965) - *Carte minière du Portugal (échelle 1/500000). Notice explicative*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TORRINHA, Francisco (1942) - *Dicionário Latino Português*. 2º Ed. Porto.
- TRANOY, A. (1990) - L'organisation urbaine dans le Conventus Scallabitanus. In *Les Villes de Lusitanie Romaine: Hiérarchies et territoires. Table ronde internationale du CNRS (Talence, 8-9 décembre 1988)*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique (Collection de la Maison des Pays Ibériques; 42), p. 11-20.
- VASCONCELOS, José Leite de (1905) - *Religiões da Lusitânia*. Vol. 2. Lisboa.
- VAZ, João Luís de Inês (1986) - Recensão crítica ao livro: Virgílio Afonso, 'Sabugal. Terras e Gente (Apontamentos de História e Paisagem da Região). Guarda, 1985, edição da Câmara Municipal do Sabugal», *Beira Alta*, Viseu, 45:3-4, p. 455-472.
- VILAÇA, Raquel (1998) - Produção, consumo e circulação de bens na Beira Interior na transição do II para o I milénio a.C., *Estudos Pré-históricos*, Viseu, 6 [Actas do Colóquio A Pré-história na Beira Interior], p. 347-374.
- VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de (1798) - *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros e preciosos que entre nós se conservam*. 2ª Ed. revista, correcta e copiosamente adicionada de novos vocábulos, observações e notas críticas com um índice remissivo. Vol. 1. Lisboa.

(*) Arqueólogo. Gabinete de Arqueologia e Museologia do Município do Sabugal e Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património

(**) Arquitecto. Município do Sabugal